

LOURDES MARIA MORAES DE TOLEDO

ESTUDO DO CONCEITO DO SIGNIFICADO DE TRABALHO
PERCEBIDO PELO ESTUDANTE

Dissertação apresentada como exigência parcial para a obtenção do grau de MESTRE EM EDUCAÇÃO (Orientação Educacional), à Comissão Julgadora da Faculdade de Educação, da Universidade Estadual de Campinas.

1979

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

A Meu Pai, que infelizmente não teve tempo de ver esse trabalho terminado, uma grande saudade.

A Minha Mãe, dedicada e carinhosa e sempre com palavras de estímulo e incentivo, minha eterna gratidão.

A Meus Irmãos e Sobrinhos, para que a nossa união e amizade sejam eternas.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Belisário Marques de Andrade, pela capacidade, dedicação e atenção com que orientou este trabalho.

Ao Prof. Dr. James Patrick Mayer, pela orientação e ajuda na elaboração dos procedimentos estatísticos.

Ao Prof. Dr. Wladimir Oswaldo Negrão Guimarães, pelo estímulo recebido.

Ao Prof. Dr. Curt Egon Hennies, pela amizade, pelo entusiasmo e pelas opiniões dadas no decorrer deste trabalho.

A Profa. Juracy Salzano Fiori Almeida, pelo carinho e pelas sugestões dadas na revisão do português.

A Vera Licia Vaz de Arruda, pela ajuda, pelo apoio e pela amizade.

Aos amigos Filomena, Ivete, André e Paulo, pela contribuição e colaboração dispensadas.

Aos alunos de 2º grau e das duas Universidades de Campinas que tão prontamente responderam aos formulários deste estudo.

A Irene e Luís Eurípedes que realizaram a parte gráfica deste trabalho.

E a todos aqueles que direta ou indiretamente, e de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho.

COMISSÃO JULGADORA

ÍNDICE

| | Página |
|--|--------|
| AGRADECIMENTO | vi |
| LISTA DE TABELAS | viii |
| SUMÁRIO | 1 |
| I. CAPÍTULO - INTRODUÇÃO | 3 |
| 1.1. Introdução ao Problema | 3 |
| 1.2. Problema | 3 |
| 1.3. Justificativa do Problema | 3 |
| 1.4. Definição dos Termos | 11 |
| II. CAPÍTULO - REVISÃO DA LITERATURA | 16 |
| 2.1. Homem como um ser que possui necessidades. | 16 |
| 2.2. Trabalho como atividade | 23 |
| 2.3. Visão histórica da atividade de trabalho.. | 24 |
| 2.4. Visão filosófica da atividade de trabalho. | 28 |
| 2.5. Visão sócio-econômica da atividade de tra- balho | 30 |
| 2.6. Atividade de trabalho, desenvolvimento hu- mano e educação | 32 |

Página

| | |
|---|-----|
| 2.7. Orientação Educacional e atividade de trabalho | 36 |
| 2.8. Orientação Vocacional e atividade de trabalho | 38 |
| III. CAPÍTULO - METODOLOGIA | 48 |
| 3.1. População | 48 |
| 3.2. Amostra | 48 |
| 3.3. Hipóteses | 50 |
| 3.4. Variável | 52 |
| 3.5. Instrumento | 53 |
| 3.6. Aplicação do Instrumento | 55 |
| 3.7. Coleta de dados | 56 |
| 3.8. Organização dos dados | 57 |
| IV. CAPÍTULO - ANÁLISE DOS RESULTADOS | 61 |
| V. CAPÍTULO - DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÃO | 77 |
| BIBLIOGRAFIA | 82 |
| APÊNDICE I | 89 |
| APÊNDICE II | 105 |
| APÊNDICE III | 109 |
| APÊNDICE IV | 112 |

Página

| | |
|--------------------|-----|
| APÉNDICE V | 115 |
| APÉNDICE VI | 119 |
| APÉNDICE VII | 121 |

LISTA DE TABELAS

| | Página |
|--|--------|
| I. AMOSTRAGEM | 51 |
| II. DISTRIBUIÇÃO DO CONCEITO DE TRABALHO | 60 |
| III. O TOTAL DAS CATEGORIAS A NÍVEL FISIOLÓGICO E PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO GRAU DE ESCOLARIDADE | 62 |
| IV. A DISTRIBUIÇÃO TOTAL DAS SUBCATEGORIAS EM RELA- ÇÃO AO GRAU DE ESCOLARIDADE | 63 |
| V. A DISTRIBUIÇÃO DAS SUBCATEGORIAS A NÍVEL FISIO- LÓGICO E A NÍVEL PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO GRAU DE ESCOLARIDADE | 64 |
| VI. O TOTAL DAS CATEGORIAS A NÍVEL FISIOLÓGICO E PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO TIPO DE ESCOLA | 66 |
| VII. A DISTRIBUIÇÃO TOTAL DAS SUBCATEGORIAS EM RELA- ÇÃO AO TIPO DE ESCOLA | 67 |
| VIII. A DISTRIBUIÇÃO DAS SUBCATEGORIAS A NÍVEL FISIO- LÓGICO E A NÍVEL PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO TIPO DE ESCOLA | 68 |
| IX. O TOTAL DAS CATEGORIAS A NÍVEL FISIOLÓGICO E PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO SEXO | 70 |
| X. A DISTRIBUIÇÃO TOTAL DAS SUBCATEGORIAS EM RELA- | |

| | | |
|-------|---|----|
| | ÇÃO AO SEXO | 71 |
| XI. | A DISTRIBUIÇÃO DAS SUBCATEGORIAS A NÍVEL FI - SIOLÓGICO E A NÍVEL PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO SEXO | 72 |
| XII. | O TOTAL DAS CATEGORIAS A NÍVEL FISIOLÓGICO E PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMI CO | 74 |
| XIII. | A DISTRIBUIÇÃO TOTAL DAS SUBCATEGORIAS EM RE- LAÇÃO AO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO | 75 |
| XIV. | A DISTRIBUIÇÃO DAS SUBCATEGORIAS A NÍVEL FI - SIOLÓGICO E A NÍVEL PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO | 76 |

SUMÁRIO

Este estudo foi elaborado com o objetivo de levantar o conceito do significado de trabalho percebido pelo estudante de 2º e 3º graus da cidade de Campinas. É um estudo-piloto que pretende dar subsídios e informações objetivas para fundamentar programas de Orientação Educacional e Orientação Vocacional. É uma tentativa de partir do que o estudante pensa, sente e percebe, para orientá-lo de maneira eficiente e, também, tornar o processo de orientação dialogal.

O estudo foi realizado em seis escolas do segundo grau, três Estaduais e três Particulares, e nas duas Universidades existentes na cidade.

Os dados levantados foram organizados e categorizados tendo como suporte teórico a Teoria das Necessidades Básicas segundo Maslow (1954), Mouly (1960), Jourard (1963). E o teste estatístico aplicado foi o χ^2 para K amostras independentes de Siegel (1956).

Constatou-se como resultado principal que existe diferença na percepção do conceito do significado de trabalho entre estudantes de sexo feminino e masculino.

ABSTRACT

This study has been elaborated with the purpose of analysing the concept of the meaning of work, as seen by High School and University students in the city of Campinas.

It is a first study that intends to provide objective information and subsidize Educational and Vocational Guidance Programs. Starting from what the student thinks, feels and realizes, it is an attempt to guide him efficiently and make the guidance process more dialogic, as well.

The study has been carried out at three Public and three Private High Schools, and at the two existing Universities in the city.

The obtained data have been organized and classified, having as theoretical support the Theory of Basic Needs, according to Maslow (1954), Mouly (1960), Jourard (1963). And the applied statistical test was Siegel's x^2 Teste for K independent samples. And it was observed as principal result that there are differences in perception of the concept of the meaning of work among students of feminine and masculine sex.

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

1.1. Introdução ao Problema

O homem é um ser possuidor de necessidades que devem ser satisfeitas. Elas constituem a força motivadora da ação e determinam o comportamento humano.

O ser humano, a todo momento de sua vida, está ligado a uma variedade de necessidades. Todos os aspectos do comportamento, nas diversas situações que o homem enfrenta na sua vida diária, só podem ser compreendidos através de necessidades e suas satisfações, mediante as exigências da situação em que se encontra.

Vários autores empregaram diferentes sistemas para classificar as necessidades básicas do homem.

Mouly (1960) classificou-as em fisiológicas e psicológicas, Maslow (1954) propôs uma hierarquia na intensidade das mesmas e no grau em que são satisfeitas em cada nível; Jourard (1963) estabeleceu uma relação entre elas; Combs e Snyggs (1959) enfatizaram que a necessidade básica do homem é a

adequação do "self" (eu).

A atividade do homem se estrutura em torno das suas necessidades que variam de acordo com o tempo, com a mudança das situações e com aprendizagem na maneira de satisfazê-las.

O homem, ao caminhar no tempo e no espaço para satisfazer as suas necessidades, está propiciando a si mesmo todos os recursos de seu autodesenvolvimento.

Uma das atividades do homem impelida pelas necessidades é o trabalho que lhe fornece um sistema de provisão, de intercâmbio e de serviços. É pela atividade de trabalho que o homem se ocupa e satisfaz suas necessidades de sobrevivência, conforto e maior relacionamento com o outro. É através dele que o ser humano se torna um membro ativo e construtivo de uma sociedade. O trabalho propicia ao homem a oportunidade de obter gratificações almejadas, fortalecer seu "ego" e construir um dos vínculos principais com seus semelhantes — a convivência. Ele determina o nível e o estilo de vida e preenche uma grande parte do tempo das pessoas que gastam, em geral, um terço de suas vidas nele ou preparando-se para ele. Pode ser uma fonte de satisfação, auto-realização, mas pode também ser fonte de neuroses, tristezas e desencontros.

Muitos autores estudaram e enfatizaram a importância da atividade de trabalho na vida do homem.

Super (1910) afirma que é uma implementação do autoconceito. Diz que o ser humano busca, ou rejeita, uma profissão, na crença de ser ou não consistente com seu autoconceito.

Brill (1949) diz que indivíduos ajustados trabalham pelo prazer de trabalhar.

Freud (1968) demonstrou que o indivíduo normal é aque-

le que tem capacidade de amar e trabalhar eficientemente.

Bordin, Nachmann, Segal (1963) colocaram que a ocupação é determinada pelo padrão de necessidades do indivíduo.

Por outro lado, o homem é um ser social e a sociedade propicia seu progresso e, portanto, o desenvolvimento de seus potenciais, na certeza do retorno desse progresso. O homem precisa estar inserido na sociedade, sentir-se útil, produtivo e participante do desenvolvimento.

Dos fatores que interferem e interagem no binômio homem-trabalho, o próprio processo de desenvolvimento humano é um dos mais relevantes: o homem, desde o nascimento até a morte, atravessa fases e etapas e necessita adequar seu comportamento de maneira satisfatória a cada uma delas.

Alguns autores determinam os períodos da vida humana: Havighurst (1953) estabelece: primeira, segunda e média infâncias, adolescência, início da vida adulta, meia-idade e maturidade; Pfromm Neto (1977): vida pré-natal, infância, adolescência, idade adulta, velhice.

A adolescência é uma fase importante na vida do homem e dela trataram, significativamente; Havighurst (1953); Debesse (1958-1960); Ana Freud (1962); Mira e Lopez (1954) e outros. É um período de transição, adaptação e ajustamento, marcado pela passagem da infância à idade adulta. O indivíduo precisa encontrar maneiras diferentes de agir e adaptar-se aos vários aspectos e setores da vida. Ele deve escolher uma profissão e preparar-se para ela adequadamente.

Para auxiliar o indivíduo na sua tarefa evolutiva e, implicitamente, na escolha profissional, cabe à educação um papel de destaque. Isto porque cada etapa da vida humana requer

uma educação específica e capaz de dar ao homem a satisfação de suas necessidades e que irá ajudar cada indivíduo a aprender a comportar-se adequadamente em cada fase de sua evolução, realizando tarefas esperadas, ultrapassando-as para atingir o próximo grau de desenvolvimento. Também pela educação é que o homem vai atualizar-se dentro de um mundo em constante progresso. E é ainda através dela que não apenas apreende e percebe o universo, mas age e reage no próprio cosmo em que se encontra. Ela precisa respeitar as diferenças individuais, as variações da sociedade, especialmente nos valores e na cultura de cada época e lugar. A educação é, pois, um processo contínuo de preparação para a ação, e é dos mais altos projetos da existência humana.

Com a complexidade do mundo, das sociedades, várias tarefas dos pais vão sendo deixadas para a escola. Cabe a esta uma parte dessa educação e, para que a instituição escolar possa responder de maneira satisfatória às exigências de tal complexidade, precisa incluir em sua organização novos serviços, a fim de ter condições de oferecer a sua clientela melhor atendimento. Frente a esse aspecto surge a Orientação Educacional, para dar apoio, informar e ajudar o estudante no seu planejamento e desempenho da tarefa educativa. Ela fornece subsídios e processa-se através do tempo. Isto significa que, no processo de orientação, existe uma intercomunicação baseada nesses subsídios, na qual orientador e orientado interagem numa troca contínua e gradativa de experiências. A Orientação Educacional irá contribuir para que o estudante compreenda a si mesmo, suas necessidades, seus potenciais e saiba fazer escolhas conscientes no decorrer de sua existência. Isto porque a vida consiste

em escolhas e cada ato é uma opção que deve ser livre e consciente. E o jovem precisa estar preparado para fazer escolhas e tomar decisões.

São elementos de processo de escolha voluntária, segundo Krumboltz e Thoresen (1969):

- motivação: motivos ou razões da escolha;
- deliberação: exame de alternativas;
- resolução: seleção de uma alternativa e exclusão de outras;
- realização: execução do que foi decidido.

Elementos de processo de tomada de decisão:

- colocação de um propósito ou objetivo;
- coleta de dados indicada pelos objetivos;
- utilização dos dados;
- avaliação das alternativas possíveis e desejabilidade de cada resultado, e a comparação de alvos com a hierarquia de valores.

A Orientação Vocacional é uma área específica da Orientação Educacional que tem como objetivo auxiliar o estudante no processo de Escolha Profissional e no seu desenvolvimento dentro dessa profissão. Ela irá dar subsídios para que o estudante se conheça, conheça suas potencialidades, suas aptidões; por outro lado, irá informá-lo a respeito das condições externas para que ele possa fazer uma escolha profissional consciente.

Segundo Hill (1965), Tyler (1969), Mathewson (1962), alguns fatores interferem no processo de escolha vocacional do

indivíduo:

- habilidades;
- necessidades e interesses;
- estereótipos e expectativas;
- pessoas significativas;
- valores;
- tipos de residência;
- tamanho da comunidade;
- família;
- educação;
- ajustamento pessoal e social;
- aspirações.

A Orientação Vocacional tem por finalidade ajudar o indivíduo a clarificar, a lidar e objetivar esses fatores para que a escolha seja acertada. De tal maneira que o estudante possa saber a que aspira, avaliar suas possibilidades e, ainda, sentir que a profissão é um ponto central para a satisfação de suas necessidades, uma vez que dela decorrerá uma atividade de trabalho específica. Também o orientador precisa conhecer o significado da experiência de vida do estudante, para poder auxiliar nesse processo de opção. Isto é imprescindível, pois a orientação deve partir das necessidades e da situação em que o estudante se encontra.

Numa retomada de idéias e conceitos, pode-se dizer que o homem é um ser que possui necessidades, dentre elas a de atividade, e o trabalho é uma atividade intimamente ligada a cada ser humano à complexidade do seu desenvolvimento, da sua educação e da escolha da profissão.

Levando-se em conta esse aspecto é que se pretende nesta dissertação levantar o conceito do significado de trabalho percebido pelo estudante na cidade de Campinas, como um primeiro passo na tentativa de tornar o processo de Orientação Vocacional verdadeiramente dialogal. Precisa-se de dados concretos a respeito do que o estudante pensa, percebe, interpreta a respeito de trabalho para se poder instituir programas eficientes de Orientação Vocacional. Para fins desse estudo escolheu-se realizar o levantamento com estudantes de 2º e 3º níveis de escolaridade.

1.2. Problema

O problema, pois, se consubstancia nesta interrogação:

O que o estudante percebe a respeito do conceito do significado de trabalho?

1.3. Justificativa do Problema

O homem é um ser que possui necessidades e, dentre elas, a de atividade. Se o trabalho é uma dessas atividades pelas quais o homem satisfaz suas necessidades, a educação é uma preparação contínua para a mesma. A educação em qualquer nível se torna mais eficaz quando associada à vida e ao mundo de trabalho.

A Orientação Educacional é uma parte do serviço educativo que particulariza o processo de escolha de atividade na

vida do homem, principalmente na fase da juventude, época em que deverá frequentar uma escola. E a Orientação Vocacional se preocupa exclusivamente com a escolha da profissão, da qual decorrerá um trabalho, que deverá satisfazer as necessidades do estudante.

Para isso, esta pesquisa pretende levantar o conceito do significado de trabalho percebido pelo estudante da cidade de Campinas a fim de saber o que ele pensa, sente e percebe a respeito dessa atividade: trabalho.

A preocupação é partir da postura do estudante e verificar se ele busca na atividade de trabalho a satisfação de necessidades físicas ou psicológicas. Um outro aspecto é o de que este estudo irá dar subsídios para elaboração de programas de Orientação Vocacional, ao invés de utilizar metodologias estrangeiras adaptadas a nossa clientela. É uma tentativa de superação dos defeitos implicados pela metodologia educacional importada. É a busca de uma Orientação Vocacional prospectiva, dinâmica e concreta. Ela deixa de ser modelo apriorístico e passa a constituir-se reflexão sobre uma realidade eminente.

A Orientação Educacional, a Orientação Vocacional e a própria Educação, como ciência e técnica voltadas ao homem, devem ocorrer no plano de interação entre orientador e orientado, não somente no plano teórico, mas no plano pragmático, ao nível das respostas que o jovem de hoje dá a cada instante de sua vida. Isto para enriquecer, transformar, criar novos estímulos, dar sentido, aperfeiçoar e desenvolver o ser humano e a sociedade.

Pode-se dizer, portanto, que esta pesquisa tem como objetivo levantar o conceito do significado de trabalho percebido pelo estudante. E com os resultados obtidos ter base para:

- ajudar o estudante na escolha de sua profissão;
- orientar os estudantes do curso de Pedagogia, que pretendem ser Orientadores Educacionais;
- lançar os fundamentos de uma Orientação Vocacional centrada no estudante;
- contribuir para a formação de Orientadores Educacionais, a fim de que desempenhem seu trabalho mais eficientemente.

1.4. Definição dos Termos:

- Percepção: é a tomada de consciência, a atribuição de significado e o ato de captar e definir o estímulo traduzido por respostas dadas. Tendo como base desse conceito autores: Langfeld e Well (1948); Stagner e Karwoski (1952); Forgas (1971); Heider (1958).

- Conceito: é a noção ou a idéia que o indivíduo adquire, através da experiência, de um objeto. Dictionary of the Social Sciences (1964).

- Significado: é o sentido atribuído a um objeto ou palavra. Dictionary of the Social Sciences (1964).

- Trabalho: é a atividade que o indivíduo desempenha para satisfazer suas necessidades, dar sentido à vida e estabelecer seu padrão de existência dentro de uma sociedade. Borow (1964); Nosow e Form (1962); Vialard (1970); Osipow (1968).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BORDIN, NACHMANN, SEGAL. *An articulated framework for vocational development* *J. Counsel. Psychology*, 1963, 10, 107-116.
2. BOROW, Henry. *Man in a world at work*. Boston. Houghton Miffling, 1964, p.67.
3. BRILL, A.A. *Basic Principles of Psychoanalysis*. Garden City, N.Y. Deubleday, 1949. cit. Osipow. *Theories of career development*. p.90-94.
4. COMBS, W.A. e SNYGG, D. *Individual Behavior*. Harper & Row, 1959. p.37.
5. DEBESSE, M. *L'adolescent est elle une crise?* *Enfance*. 1958, 11, 287-307. cit. Pfromm Netto. *Psicologia da Adolescência*. 6ed. São Paulo. Pioneira, 1977. p.5.
6. FORGUS, H.R. *Percepção o Processo Básico do Desenvolvimento Cognitivo*. São Paulo. Herder, 1971.

7. FREUD, A. *Adolescence*. (1962) cit. Pfromm Netto. *Psicologia da Adolescência*. 6 ed. São Paulo. Pioneira, 1977. p.5-6.
8. FREUD, S. cit. Osipow. *Theories of Career Developmen*. N.Y. Meredith, 1968. p.90.
9. GOULD, J.; KOLB, L.W. *A Dictionary of the Social Sciences*. U.S.A., 1964.
10. HAVIGHURST, R.J. *Human Development and Education*. 1953. cit. Mouly. *Psychology for Effective Teaching*. U.S.A., Holt, Rinehart and Winston, 1960. p.80-83.
11. HEIDER, F. *Psicologia das Relações Interpessoais*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo. Pioneira, 1970.
12. HILL, George. *Management and Improvement of Guidance*. Nova York. Meredith, 1963. p.328.
13. JOURARD, M.S. *Personal Adjustment*. 2 ed. , New York, Macmillan, 1963, p.32.
14. KRUMBOLTZ, J.D. e THORESEN. *Behavioral Counseling, cases and Techniques*. New York. Holt, Rinehart and Winston, 1969.
15. LANGFELD e WELD. *Foundations of Psychology de Boring*. (1948). cit. Howard S. Bartley. *Princípios de Percepção*.

México, Trillas, 1969.

16. MASLOW, A. *Motivation and Personality*. New York, Harper & Row, 1954. p.123-145.
17. MATHEWSON, R.H. *Guidance Police and Prattice*. New York. Meredith, 1968. p.131.
18. MIRA e LOPEZ, E. *Psicologia Evolutiva da Criança e do Adolescente*. Rio de Janeiro. Científica, 1954. cit Pfromm Netto. *Psicologia da Adolescência*.
19. MOULY, George J. *Psychology for Effective Teaching*. U.S.A. Holt Rinehart and Winston, 1960. p.22-57.
20. NOSOW, S. e FORM, H.W. *Man Work and Society*. New York. Basic Books, 1962. p.9-11.
21. OSIPOW, H. Samuel. *Theories of Career Development*. New York. Meredith, 1968.
22. PFROMM, NETTO, Samuel. *Psicologia da Adolescência*. 6 ed. São Paulo. Pioneira, 1977. p.5-6.
23. STAGNER e KARWOSKI (1952). cit. Howard S. Bartely. *Princípios de Percepção*. México. Trillas, 1969.
24. SUPER, D. Edwin; BOHN, M.J. *Psicologia Ocupacional*. 1910. Trad. Esdras do Nascimento e Jair F. dos Santos. São

Paulo. Atlas, 1975. p.215-217.

25. TYLER, L.E. *The Work of the Counselor.* 3ed., U.S.A.

Meredith, 1969. p.200.

26. VIALARD Vázquez, L.R. Antonio. *El Trabajo Humano.* Buenos Aires. Universitária, 1970. p.1-5.

CAPÍTULO II

REVISÃO DA LITERATURA

2.1. Homem como um ser que possui necessidades

O homem é um ser complexo que está intimamente ligado à complexidade do universo que habita. Este universo é formado por uma infinita série de organizações, das quais o homem é uma delas. O ser do homem é uma organização biopsicológica. E seu comportamento é afetado pelas organizações e necessidades que impelem à ação. Para se estudar o comportamento humano é preciso que se perceba que a atividade do homem está motivada por uma série de necessidades: alimentos, roupas, casa, amor, afeição, enfim, um número ilimitado de estímulos para agir.

Estudaram as necessidades básicas dos seres humanos: Combs e Snyggs (1959), Maslow (1954), Jourard (1963) e Mouly (1960).

Combs e Snyggs (1959) afirmam que o homem, desde o nascimento até a morte, tem como tarefa existencial a manutenção do "self". Que para manter essa organização pessoal, do "self", no universo, ele requer muito mais do que simplesmente sobrevi-

ver. Também, que, com as constantes alterações do mundo e das organizações, o homem precisa estar constantemente mudando e adaptando-se a novas realidades e situações. E, ainda, que é necessário entrelaçar o "self" às exigências de amanhã.

O futuro é incerto e desconhecido; então, a experiência do homem, de valor pessoal e grau de auto-atualização não é suficiente para mantê-lo bem. Os seres humanos são, por natureza, insaciáveis. De tal maneira que o homem não busca somente a manutenção e intensificação de um "self", mas o "desenvolvimento de um "self" adequado". Asseguram eles ainda que, embora manutenção e intensificação sejam duas palavras diferentes, isso não significa que o homem tenha duas necessidades diferentes, pois essas palavras têm a mesma conotação e relatam exatamente a mesma função: - "o desenvolvimento de um "self" mais adequado", isto é, o homem necessita ser uma pessoa, o mais adequada possível, em cada situação.

Combs e Snyggs (1959) dizem:

- "o homem, como universo do qual ele faz parte caracteristicamente, procura a manutenção da organização;
- a organização que o homem procura manter é a organização da qual ele é consciente e é chamada seu "self";
- o homem, porque vive num mundo em mudança, é consciente do futuro tão bem quanto do presente, e a limitação do "self" requer, não apenas a limitação do "status quo", mas uma atividade que procure adequação pessoal."

Observe-se, pois, que estes aspectos são expressos em cada comportamento do homem, em cada instante de sua existência, quando ele se vê engajado em situações que lhe exigem tal adequação.

Dizem textualmente: "o comportamento do homem pode ser observado através da tentativa de preservar, fortificar a percepção individual de adequação pessoal."

O homem age, conforme seu próprio conceito, sobre as coisas, sobre o que julga ser certo ou errado e, para se estudar o comportamento humano, é necessário um conceito amplo e profundo das suas necessidades.

Maslow (1954) devotou seus estudos às condições através das quais o homem desenvolve sua capacidade. Diz que a chave para cada desenvolvimento está na gratificação, satisfação das necessidades básicas e uma necessidade é básica ao homem se:

- "a privação trazer doença física ou mental;
- a gratificação da necessidade prevenir uma doença;
- identificação e gratificação de necessidade restabelecerem a saúde de uma pessoa que esteja doente;
- a pessoa preferir a gratificação das necessidades das quais está privada a outras necessidades sob condições de escolha;
- a necessidade não for um estado de tensão ou privação em pessoa sadia;
- se o sentimento subjetivo de saudade, falta, ou desejo, prevalecer, quando a necessidade não é satisfeita;
- a gratificação produzir um senso subjetivo de bem estar sadio."

Maslow desenvolve, pois, uma seqüência hierárquica das necessidades básicas do ser humano e diz que o homem, normalmente, não atinge uma nova necessidade, a não ser que as anteriores estejam satisfeitas.

Classifica as necessidades em:

- "- física, como: necessidade de alimento e água;
- de segurança;
- de pertencer e amar, refletida na ansiedade de

- afeição, aceitando amizade com outras pessoas;
- de estima, consubstanciada no desejo de ser respeitado pelos outros;
- de auto-realização ou auto-atualização."

Características próprias que surgiram consistentemente em caso de auto-atualização: Maslow (1954).

- "- uma maior adequação perceptiva da realidade e um mais satisfatório relacionamento com essa realidade do que ocorre quando avalia o outro;
- um alto grau de aceitação de si mesmo, dos outros e da realidade da natureza humana;
- espontaneidade;
- necessidade de privação;
- um alto grau de autonomia;
- um contínuo vigor de apreciação;
- freqüente experiência mística;
- sentimento fraterno;
- relacionamento fechado com alguns amigos, ou pessoa amada;
- estrutura do caráter democrático;
- um forte senso de ética;
- um senso não hostil de humor;
- criatividade."

Maslow (1954) diz: "um homem, encontrando um propósito ou propósitos, pode dedicar suas energias e talentos para preencher sua mente. Como encontra desafios para consegui-los, atinge o crescimento ou atualização".

Jourard (1963) diz que "uma necessidade é básica se a sua gratificação gerar saúde, funcionamento e crescimento de sua personalidade."

Para ele as necessidades fundamentais são:

- "- sobrevivência: a principal de todas as necessidades humanas é a afirmação de vida e o desejo de continuar a viver. A necessidade de sobreviver, em alguns casos, é o determinante mais poderoso de ação que o homem pode conhecer;

- necessidades físicas: referem-se a alimento, bebida, crença de alívio, de dor e desconforto e abrigo adequado;
- amor e sexo: o homem, para agir como um ser social e humano, precisa receber amor de outros;
- "status", sucesso, e auto-estima: o homem necessita sentir que é reconhecido, respeitado e aprovado, por outros membros dos grupos nos quais ele vive;
- saúde física e mental: a necessidade de saúde é um fator preponderante de ação. Muito do comportamento cotidiano de uma pessoa é selecionado, ou modificado, por relevância de manter a saúde;
- liberdade: o homem necessita de graus variáveis de liberdade para conduzir sua vida com decisões, desejos e planos próprios. A liberdade é um aspecto importante no desenvolvimento dos potenciais humanos;
- desafio: tem o efeito de ajudar o crescimento de sejado, ou mudança nas pessoas, e pode ser visto como uma necessidade básica juntamente com outras já mencionadas;
- clareza cognitiva: evidencia-se esta necessidade para mostrar que o homem não pode suportar por muito tempo ambigüidades, contradições em seu conhecimento. O homem necessita ser congruente em suas crenças, percepções, cognições;
- experiência variada: novas estimulações de todos os tipos. O homem precisa de variedade de estimulação, não somente para evitar o tédio, mas realmente para preservar sua habilidade de perceber o mundo e para agir adequadamente."

Afirma ainda: "todas as necessidades básicas do homem são essenciais à vida. Não se pode saber ou conhecer o que move ou motiva o ser humano sem precisamente conhecer qual das suas necessidades é mais urgente em um certo tempo."

Segundo Mouly (1960):

" algumas necessidades subjacentes ao comportamento do indivíduo são provocadas pelo organismo. Tais necessidades, ou impulsos, assim denominados frequentemente, são, às vezes, consideradas primárias, pois não são apenas básicas para a manutenção da vida, mas também, em casos, de severa frustração, tenderem a dominar necessidades não orgânicas, tais como, afecção e auto-estima."

Apresenta uma lista parcial das necessidades fisiológicas que poderiam ser mencionadas:

- "- necessidade de alimento: esta é uma das necessidades que, nos Estados Unidos de hoje, são satisfeitas com facilidade; portanto, tende a ser relativamente pouco importante como causa de comportamento. Evidentemente, sua importância seria mais corretamente avaliada em regiões onde existe fome; no entanto, mesmo em nossas escolas não pode ser ignorada;
- necessidade de água: é uma necessidade que, de modo geral, é facilmente satisfeita;
- sono e repouso: os indivíduos necessitam dormir e repousar suficientemente para seu bem-estar. A necessidade de repouso deve ser considerada dentro da oposição entre a fadiga real e tédio;
- necessidade de atividade: os indivíduos necessitam de oportunidades para gastar energia;
- necessidade de abrigo e de temperatura adequada;
- necessidade sexuais: esta é uma das necessidades mais perturbadoras em nossa cultura atual, (Estados Unidos), especialmente para jovens de curso secundário e universitário;"

Diz também:

"Enquanto as necessidades fisiológicas são geralmente satisfeitas, de maneira que têm importância relativamente pequena na determinação do comportamento, as necessidades psicológicas são determinantes significativos do comportamento, pois nunca são inteiramente satisfeitas."

Classifica as necessidades psicológicas de acordo com os seguintes itens:

- "- necessidade de afeição: todos desejam viver numa relação de afeição recíproca com uma ou mais pessoas;
- necessidade de ser aceito: estreitamente ligada à anterior está a necessidade de ser aceita num grupo.

Estas duas primeiras necessidades podem, muitas vezes, ser agrupadas sob o título de segurança emocional;

- necessidade de realização: todos gostam de sentir que são capazes de realizar o que planejam fazer, e de sentir que suas realizações são valiosas;
- necessidade de independência: as pessoas desejam ser capazes de governar suas vidas; de estabelecer suas intenções, sem interferência e sem imposição externa;
- necessidade de aceitação social: esta necessidade às vezes, denominada necessidade de "status" ou de aprovação, refere-se ao desejo, aparentemente universal, de sentir que o que fazemos e somos é aprovado pelos outros;
- necessidade de auto-estima; a necessidade de sentir que o que somos e fazemos está de acordo com nossos padrões, liga-se intimamente, não apenas às outras necessidades acima discutidas, mas também ao auto-conceito e ao nível de aspiração. Um aspecto interessante dessa necessidade é o fato de depender do sistema de valores do indivíduo, adquirido durante o processo de socialização, através do qual a sociedade procura perpetuar sua forma de vida".

Mouly (1960) diz ainda:

"a determinação do comportamento supõe não apenas a energia do indivíduo, mas também a direção do seu comportamento para certos objetivos. Enfatiza que o comportamento não é um caso simples de satisfação de uma única necessidade. Em todos os momentos, o indivíduo está, de um lado, assediado por inúmeras necessidades e, de outro, por objetivos através dos quais tais necessidades podem ser satisfeitas. Como não pode tentar satisfazer todas as necessidades, nem atingir todos os objetivos ao mesmo tempo, precisa, obrigatoriamente, ser seletivo."

Diz também:

"O comportamento é ditado por fatores, tais como: a natureza das necessidades opostas, a severidade de sua frustração, a atração dos objetivos avaliada a partir de experiências passadas, e, naturalmente, a realidade da situação."

Segundo Mouly (1960): "deve-se esperar, também, que o

comportamento se transforme com o tempo, com a mudança da situação e da força relativa das necessidades, e à medida que a pessoa aprende novas maneiras de satisfazê-las."

2.2. Trabalho como Atividade

O trabalho é uma atividade livre e racional do homem - como indivíduo e como ser social -, tendente à realização de certos objetivos que satisfaçam às necessidades individuais e coletivas. É um conjunto de atividades que geram um meio de produção de bens. O trabalho identifica um fato, uma realidade, e, como tal, é uma das expressões humanas de cultura.

Garriguet (1972) distingue quatro aspectos de trabalho:

- "- exercício da atividade humana em qualquer forma ou esfera;
- esforço mais ou menos penoso, imposto ao homem, para produzir um objeto útil que satisfaça suas necessidades; quer dizer, a elaboração de um produto;
- meio comum para que os homens procurem as coisas necessárias para a vida; o esforço executado;
- objeto produzido ou utilidade conseguida."

Boccia (1947): "Trabalho é a exteriorização consciente da energia humana, física, psíquica, ou física e psíquica ao mesmo tempo, com o fim de conseguir a satisfação de uma necessidade, de um interesse, de uma utilidade social."

Cabanellas (1972): "Toda atividade do homem encaminhada a uma função econômico-social, ou que produza este resultado, constitui-se trabalho."

Gide (1972) coloca que o trabalho é o esforço reflexivo

do homem para satisfazer as necessidades de sua existência.

Riva Sanseverino (1976): "Em sentido amplo, pode considerar-se trabalho, qualquer que seja a aplicação da atividade humana."

A Constituição Federal, art. 160, II estabelece:

"O trabalho é uma atividade central do homem; e, sem ele o homem não terá existência digna, desde que o possa realizar em qualquer das suas modalidades éticas."

Segundo Veiga de Carvalho e Segre (1977):

"O trabalho é a própria vida em ação útil. Útil para o indivíduo, porque constitui para ele um exercício que só lhe pode ser benéfico: a ociosidade é higienicamente perniciosa, a tal ponto e sob tantos aspectos que muitos chegam ao suicídio pelo enfado de não terem o que fazer. Útil para o agregado social, pois que estimula a atividade, a riqueza, o bem-estar coletivo."

2.3. Visão histórica da atividade de Trabalho

O homem, na busca de satisfazer suas necessidades de atividade, desenvolveu maneiras diferentes de agir. O trabalho sendo uma atividade que deve satisfazer essas necessidades, adquiriu significados diversos através do tempo e da evolução das sociedades.

Em uma sociedade primitiva, o significado de trabalho era raramente analisado. Segundo Nosow e Form (1962); Borow (1964); Parker (1971) o trabalho era imposto e era uma necessidade vital estar inserido em uma atividade produtiva.

Nosow e Form (1962) dizem:

"... nas sociedades primitivas perguntar aos homens: Por

que trabalham? era o mesmo que perguntar: Por que tentavam manter-se vivos."

Isto vem mostrar que o trabalho era um fator de sobrevivência.

Tilgher (1962) em um texto sobre o histórico do trabalho assegura que, para os gregos, o trabalho foi uma maldição, uma praga.

Em certas sociedades o trabalho manual era desenvolvido por escravos.

Parker (1971): "... Os gregos consideravam qualquer tipo de trabalho físico como sendo um peso, uma carga. E que o trabalho era visto como uma violação da mente, tornando o homem incapaz de pensar na verdade e exercitar a virtude."

Tilgher (1962):

"Os gregos viam o trabalho como um pecado material que a elite intelectual, pensante, culta, educada, deveria evitar. E coloca que a agricultura foi aceita pelos gregos, pois era um trabalho que tornaria o homem independente."

Pode-se observar ainda no texto de Tilgher a afirmação de que os hebreus consideravam o trabalho uma necessidade dolorosa e acreditavam que era um produto do pecado original. Para eles, o trabalho era aceito como um pagamento, um dever pelo qual eles poderiam receber as graças de Deus pelos pecados cometidos e cooperar na salvação do mundo. Na cultura hebraica não só trabalho intelectual, mas também manual, adquiriram dignidade e valor.

O cristianismo primitivo seguiu a tradição judaica ao considerar o trabalho como um castigo pelo pecado original (Gênesis, III:19 - "do suor do teu rosto comerás o teu pão") e

acrescentou uma função positiva: o trabalho era necessário para produzir frutos que fossem divididos com os menos favorecidos.

Os autores Borow (1964), Parker (1971), Tilgher (1962), Nosow e Form (1962) concordam com o aspecto acima citado, e enfatizam que nenhum valor intrínseco foi reconhecido no trabalho, pois era visto somente como uma maneira de atingir um fim de valor. E que a Europa Medieval pregava o trabalho não porque fosse bom, mas porque acreditava no esforço físico - cansaço e na humilhação, como uma purificação para o orgulho da carne. E ainda que, embora o trabalho tenha surgido como um direito natural e um dever, ele era ainda determinado como meio para rezar e contemplar a Deus.

O Protestantismo veio dar novos rumos ao significado de trabalho, pois acreditava que ele era a base e a chave da vida. Nos ensinamentos de Lutero, o trabalho era ainda natural para o homem que pecava, mas todos que pudessem trabalhar deveriam fazê-lo. Tilgher coloca que o protestantismo difundiu a idéia de que o melhor caminho para servir a Deus era desempenhar o trabalho da melhor maneira possível. E os protestantes não faziam distinção entre o trabalho secular e o trabalho religioso. A profissão se tornou "vocação", "chamado" e o trabalho foi valorizado como uma passagem religiosa para a salvação.

Calvino desenvolveu um pouco mais essas idéias com o conceito de predestinação. Ele pregava que somente uma parte da humanidade conheceria a vida eterna. Tilgher (1962) diz que Calvino achava que a luxúria era pecado e não gostar de trabalhar seria um sinal para não atingir a vida eterna. Para Calvino todos os homens, mesmo os ricos, deveriam trabalhar porque

esse era o desejo de Deus, mas não deveriam usufruir dos frutos de qualquer trabalho. Ele não considerou ser uma virtude do homem permanecer na classe em que nascia, mas que era dever de todos procurar a profissão que o elevasse tanto pessoal, como socialmente.

O trabalho foi valorizado não só por causa do amor ao dinheiro, ou ao prazer, mas por ser um meio de a pessoa adquirir mais benefícios. Esse aspecto foi citado por Borow (1964), Nosow e Form (1962), Tilgher (1962) ao afirmarem que durante o século XIX o significado de trabalho recebeu influências das tradições calvinistas: trabalho pelo trabalho e a abdição do prazer, do luxo. E também que, no século XIX, houve uma reação sobre as idéias de motivação religiosa de trabalho.

Os socialistas do século XIX, os contemporâneos seguidores de Marx e Engels, tendiam a criticar esses aspectos de trabalho. Acreditavam que o homem deveria ser livre de preconceitos religiosos e exercer uma atividade.

Os diferentes níveis de desenvolvimento social fizeram com que as sociedades tivessem diferentes maneiras de definir a amplitude de trabalho, em termos de bens e serviços necessários. Um significado mais profundo de trabalho, um valor, pelo menos em parte, independente do seu produto veio recentemente. Só durante as últimas décadas é que houve uma ampliação no conceito do significado de trabalho para o homem.

Tilgher (1962) assegura: "que as indicações que temos para os diferentes significados históricos de trabalho têm de vir dos escritos de filósofos e religiosos e referem-se ao ideal de trabalho de uma elite pensante."

Borow (1964); "para a maioria das pessoas, durante a

História, o homem é o que ele faz". E o trabalho veio dar-lhe uma identidade que passou a ser reconhecida, tanto social como pessoalmente.

2.4. Visão Filosófica da Atividade de Trabalho

O homem vem sendo, através dos tempos, desafiado pelo problema de sua existência. Existência essa que é marcada por um *Logos* (esfera integral do pensamento, das idéias, do espírito) e por uma *PRÁXIS* (atividade humana que produz objetos).

O homem é um "ser-no-mundo" que se manifesta. Através da manifestação dá sentido a sua vida. É a busca do sentido que proporciona o desafio e o leva à ação. Tal ação é voltada para uma práxis significativa, reveladora e é através dela que o homem se encontra. Ele é um ser aberto ao mundo, através das suas experiências.

Lima Vaz (1968):

"O homem se encontra lançado ao mundo, com ele luta e o transforma para emergir sobre os planos envolventes dos seus determinismos, do físico ao biológico: o trabalho humano, porém, é "práxis" criadora de um mundo porque é trabalho e palavra."

O homem é luz natural (dá significado) que através do trabalho (processo entre a natureza e o homem) transforma "as coisas" e é transformado por elas. Só o homem torna o trabalho significante, intencional e só ele age em função dos fins. Dialeleticamente vamos ter: homem que dá ao trabalho o significado de um desvelamento e tomada de perspectiva. O ente humano se

humaniza, humanizando o mundo pelo seu trabalho e organização.

Lima Vaz (1968):

... "Se a luta do homem com o mundo, para nele so breviver e para com ele alimentar as suas carências não é uma simples luta pela vida mas uma luta pela significação — pela humanização — do mundo, é que somente o mundo significado e humanizado se torna o espaço permeável ao encontro e à comunicação das consciências. Eis porque o trabalho humano é "histórico" e não simplesmente "natural", é a substância mesma do evento, o gesto concreto da consciência que se anuncia, da liberdade que se encarna."

Para Vuillemin (1949): "O trabalho é a verdade do idealismo e do materialismo, é o homem no princípio da matéria e é a consciência que emerge do vácuo para a plenitude da alegria."

O homem através da variedade dos complexos ecológicos, das diversidades do progresso técnico, e do nível econômico das sociedades, se ocupa essencialmente de trabalho. O trabalho é um denominador comum e uma condição de toda vida humana. É através dele que o homem se relaciona com a natureza, numa atitude que deve ser consciente e livre.

Estar no mundo significa, reconhecer-se, assumir, lutar. Essa luta é efetivada pela ação: trabalho. É através dele que o homem busca satisfazer suas necessidades, suas carências e dá significado ao mundo.

Lima Vaz (1968): "O trabalho é princípio de realização do homem — e caminho da sua libertação — na medida em que atravessa a espessura opaca do seu conteúdo material para emergir no espaço livre da palavra e do gesto."

A noção de trabalho engloba, pois, todas as atividades científicas, morais e nos leva à noção de uma experiência militante. Pode-se dizer que o trabalho é toda condição emanada

do homem.

Lima Vaz (1968): "considera que o ser do homem é idêntico a sua própria atividade, e diz que é preciso convir que o homem é trabalho. Diz também que a contemplação humana é trabalho."

2.5. Visão sócio-econômica da atividade de trabalho

As necessidades do ser humano constituem o fundamento e as relações entre trabalho e mercado: são o motor da vida econômica.

Vialard (1970) diz: "a necessidade humana se converte em norma e medida da vida econômica que tem como fim satisfazer àquela."

Para satisfazer a tais necessidades o homem age sobre a natureza e recebe o efeito de tal atuação. E Vialard (1970) diz que o homem não tem somente a seu alcance os recursos naturais, mas tem também a inteligência que transforma esses recursos; tem imensas potencialidades que são atualizadas no decorrer da história.

E diz: "a natureza se manifesta em forma gradual na evolução humana onde se operam mudanças."

Os homens trabalham, mas nem todos executam essa atividade da mesma maneira e com igual eficácia; há uma diversificação de tarefas; segundo as diferentes vocações, atitudes e circunstâncias históricas.

O mesmo Vialard (1970):

"O trabalho é uma resposta a uma opção, consciente e livre, a determinadas aptidões, é um fator de

equilíbrio psicológico, de estruturação da personalidade, de satisfação e de felicidade. Esses aspectos constituem um meio para a ascensão do homem sobre a animalidade."

E mais:

"Todo trabalho, qualquer que seja, não é mais que a resposta às vezes paciente, às vezes esforçada e explosiva, mas nunca absoluta, que o homem e a mulher, de cada época e continente, dão, dia a dia, à necesidade."

Todo trabalho, enquanto atividade que tende a converter recursos e liberar o homem de suas necessidades, tem valor e importância na sociedade. A tarefa econômica, na vida social, se desenvolve a fim de satisfazer a cada um e a todos. Em contrapartida, as necessidades geram a vida econômica e dão fundamento às relações que versam sobre o trabalho e a propriedade, o capital, a renda, o salário.

Diz ainda Vialard (1970): "O trabalho do homem tende a criar um sistema de provisões a serviço da comunidade."

"A tarefa econômica necessita, não só do trabalho de execução, senão cada dia mais de direção, investigação e educação, o que diversifica ao máximo o serviço de provisão."

Heilbroner (1964):

"... proporcionar trabalho ao homem não passa de um primeiro degrau na solução do problema produtivo. Não basta proporcionar trabalho; cumpre proporcionar o trabalho adequado. Cumpre produzir as mercãdorias e serviços de que a sociedade careça."

2.6. Atividade de Trabalho, Desenvolvimento Humano e Educação

Viu-se anteriormente que o homem é um ser complexo que possui necessidades que impelem à ação. Também que o homem, desde o nascimento até a morte, vai ampliando suas necessidades em decorrência da própria mudança do mundo. É preciso ressaltar que, com a alteração do universo, o ser humano, sua organização, sua percepção de mundo sofrem alterações. É um processo dinâmico no qual homem e mundo interagem e se modificam em busca de uma maior adequação. Por outro lado, o próprio ser humano atravessa fases de desenvolvimento e necessita superar cada uma delas para que possa ser uma pessoa ajustada ao mundo em que vive.

Samuel Pfromm Netto (1977) diz: "os grandes períodos da vida humana são:

- vida pré-natal;
- infância;
- adolescência;
- idade adulta;
- velhice."

Acrescenta que cada período apresenta características que lhe são próprias, implica em certas ocorrências essenciais e impõe exigências que devem ser atendidas, para que o desenvolvimento se processe de modo adequado. Enfatiza ainda que o grau de ajustamento, os traços e as características do adulto se devem, em grande parte, ao que ocorre durante a infância e a adolescência.

Continua:

"O desenvolvimento é um processo contínuo e ordenado

do. A evolução do ser humano não se processa ao acaso e de modo accidental, mas, ao contrário, obedece a certa ordem e regularidade. O que ocorre em uma das fases tende a influenciar as fases seguintes."

Vamos deter-nos na fase da adolescência e juventude nas quais ocorrem mudanças importantes.

Debesse (1958-1960):

"A adolescência é idade de "crise" — palavra com a qual designa a mudança decisiva no curso de uma evolução, e que implica também em um estado de profunda perturbação ou de conflitos agudos, assim como um acontecer repentino das mudanças constatadas, mas que não supõe, obrigatoriamente, uma ruptura ou descontinuidade absolutas com o que as precede ou as segue. Tal crise se manifestara em todos os domínios da vida do jovem: orgânico, social, cultural, espiritual. No plano biológico, desperta a função de reprodução; no plano psíquico, aumenta a influência afetiva sobre o comportamento, ampliam-se os horizontes do pensamento, a vida mental se interioriza, acentuam-se as diferenças individuais segundo os sexos, o meio e as personalidades; no plano sociológico, a introdução do indivíduo no meio adulto é preparada através de aprendizagens sociais e culturais."

Em citação de Pfromm Netto, Anna Freud (1962) não apenas concebe a adolescência no mundo moderno como um período de perturbações; transtornos e rebelião como também afirma que as tensões e alterações nos jovens devem ser consideradas como indícios de desenvolvimento normal e da ocorrência de ajustamentos interiores. E também, em citação de Pfromm Netto, se observa que Mira & Lopez (1954) associa à adolescência as idéias de desequilíbrio e crise e assinala como fatos distintivos desta idade:

"- alterações morfológicas, que levam o jovem a uma certa desorientação a respeito de sua aparência;

- alteração dos sentimentos vitais, com bruscas mudanças do humor e instabilidade, resultantes da falta de base cinestésica e hormonal sólida;
- erotização do campo da consciência e procura do "complemento", isto é, do companheiro do sexo o posto;
- busca ansiosa do mistério da vida e da morte, com preocupação crescente pelo futuro;
- independência ou desmame psicológico do lar, marcada por oposição e negativismo;
- fixação do papel social e profissional: planificação da vida, escolha de estudos e/ou profissões, distrações."

O homem no seu processo de desenvolvimento precisa ir aprendendo, conhecendo todos os valores sociais nos quais está inserido. Em cada etapa de sua vida, assume um papel, não só como indivíduo, mas também como um "sócio". A educação dá ao ser a possibilidade de atualizar-se, de realizar-se e desenvolver-se. É através dela que o homem evolui e adquire maiores condições de agir no universo. Ela é um processo de preparação para ação e deve ser específica em cada fase da vida humana. Diz respeito ao homem, a suas necessidades, suas criações, e para que seja eficiente, precisa partir do conhecimento do ser humano como um ser total.

Martin Rich (1971) diz:

"A educação deve não só preparar a juventude para viver eficientemente hoje e durante os anos que se seguem imediatamente a sua formatura, mas também deve equipar os jovens com os tipos de especializações necessárias para planejar inteligentemente um futuro mais distante."

Dias Sobrinho (1975):

"só o homem ultrapassa o dado natural, só o homem faz cultura, só o homem se educa." Diz: "A educação

bilidade é constitutiva e específica do homem. Enquanto não fixado, não determinado e enquanto perfeitável é que o homem é educável. Assim, a educação apresenta uma face pessoal, no sentido de que o homem está pessoalmente comprometido, como sujeito de sua tarefa de realização. Isto torna a educação um projeto humano, isto é, algo que o homem faz e deve fazer com sua própria existência. Mas o homem não está isolado, mas sempre em relação com o mundo e com os outros."

Pode-se dizer, então, que a educação tem como objetivo dar subsídios ao homem para que ele se desenvolva, cresça e adquira um comportamento adequado e engajado num mundo em constante mudança. A educação é o meio que dá ao homem condições de satisfazer suas necessidades. Isto porque, segundo Ciri-gliano (1969):

"a educação é a transmissão, por parte da sociedade, dos elementos espirituais de cultura socializada, perante a assimilação de um interesse ou energia social do indivíduo, que traduzirá os elementos espirituais em aptidões primordialmente sociais, que lhe permitam incorporar-se como membro útil nessa sociedade, que precisa dele para confirmar-se."

Dewey (1965) define a educação como: "o processo de reconstrução e reorganização da experiência, pelo qual lhe percebemos mais agudamente o sentido, e com isso nos habilitamos a melhor dirigir o curso de nossas experiências futuras."

Partindo das colocações de Dewey pode-se dizer que a educação significa dar ao homem maior capacidade de pensar, de comparar e de decidir sobre aspectos de sua existência, da maneira mais acertada.

Gusdorf (1963): "O trabalho da educação, sejam quais forem as suas modalidades particulares, representa, acima de tudo, e ao cabo, um trabalho de nós próprios sobre nós próprios..."

2.7. Orientação Educacional e Atividade de Trabalho

Hill (1965) diz que para conceituar a Orientação Educacional devem-se considerar os seguintes elementos básicos:

- "- considerar cada indivíduo como um ser único, diferente dos outros;
- interessar-se pelo indivíduo;
- fazer algo em favor do indivíduo como uma consequência natural da consciência e preocupação que se tem por ele."

Baseado nesses elementos coloca a Orientação Educacional como sendo

"uma compreensão, uma preocupação e uma prestação de serviço ao aluno; a Orientação Educacional é um aspecto do serviço educativo que tem por objetivo ajudar o indivíduo a compreender-se, a entender seu meio, suas necessidades e a estabelecer uma razoável harmonia entre o ambiente externo e ele mesmo."

Hill (1965) estabelece a função do Orientador Educacional em dois aspectos:

- "- ajudar o indivíduo a desenvolver sua capacidade e amadurecimento para planejar e desempenhar bem sua experiência educacional;
- ajudar o indivíduo a desenvolver processos e técnicas de seleção, especialmente no que se refere ao planejamento educacional e vocacional."

Para Mathewson (1962)

"a Orientação Educacional é essencialmente um processo de aprendizagem para o indivíduo se orientar, cujo ponto central se localiza na compreensão cognitiva consciente que o indivíduo tem de si, das situações e das relações dele com o meio."

Peters e Shertzer (1969) "colocam a Orientação Educacional como um processo de ajuda ao indivíduo para compreensão dele mesmo, de seu mundo, para que ele possa fazer uso de suas potencialidades."

Para se ter uma idéia mais clara do que é a Orientação Educacional, talvez fosse necessário dar um quadro das áreas de atuação do Orientador Educacional conforme Peters e Shertzer (1969); Munger (1962); Evraiff, W. (1961); Dunlop (1955) e outros.

- Área acadêmica: tem por finalidade assessorar o estudante em relação aos problemas educacionais.

- Área Vocacional: pretende orientar o aluno no processo de exploração de suas possibilidades e na verificação real do meio em que vive, para fazer uma Escolha Vocacional consciente.

- Área de Aconselhamento: deseja auxiliar o estudante, individualmente ou em grupo, a fim de que formule melhor seu processo de decisão.

- Área Familiar: destina-se a assessorar os pais no que diz respeito ao seu relacionamento com os filhos.

- Área Social: objetiva acompanhar o estudante nos aspectos de socialização.

- Área Econômica: auxilia o estudante nos aspectos econômicos.

- Serviço de Informação: tem por finalidade prestar informações a alunos, pais, professores.

- Relacionamento: estabelece contatos com outros se-

tores dentro da Escola.

- Treinamento em serviço: objetiva:
 - reciclagem para professores;
 - reciclagem para o próprio orientador.
- Avaliação: a avaliação do próprio Serviço de Orientação Educacional.

2.8. Orientação Vocacional e Atividade de Trabalho

Super (1910):

"A Orientação Vocacional é importante porque ajuda o homem a ocupar um lugar adequado na sociedade, a identificar-se consigo mesmo, enquanto está trabalhando, a suprir as suas próprias necessidades, através do exercício de uma profissão, e até mesmo a aposentar-se com dignidade."

A Orientação Vocacional é uma área da Orientação Educacional e tem por finalidade assessorar o homem no processo de exploração de suas possibilidades e na verificação real do meio em que vive para fazer uma escolha vocacional consciente.

Mortensen e Schmuller (1962) afirmam:

"A Orientação Vocacional precisa assistir ao jovem e desenvolver a criança no significado de interpretar sua experiência de vida. Ela vai clarificar, explorar e adicionar informações que auxiliem o processo de escolha e ajustamento vocacional do homem".

Hill (1965) coloca: ... "a necessidade da escola e seus co-participantes, que são organismos da comunidade, de renovar

os esforços para efetuar uma orientação educacional e vocacional apropriadas".

Ele levanta alguns itens de real importância para a colocação acima:

- "- a educação e a produtividade, no mundo do trabalho, devem se relacionar e se relacionam mais harmoniosamente. Isto deve abranger mudanças significativas nas ofertas educativas das escolas;
- a integração adequada da educação, com o planejamento e a preparação para a carreira não só é necessária, como possível.

Isto necessitará de que:

- a escola inicia a orientação mais cedo dirigida à esfera do trabalho de forma igual a um estudo, sobre bases continuamente evolutivas do lugar definitivo do indivíduo como trabalhador;
- a escola cuida, em cooperação com os pais, que os alunos iniciem mais cedo um programa ativo de auto-estudo relacionado com o planejamento educacional e vocacional;
- a escola proporcione, antes do que está fazendo agora, um conselho e outros serviços de Orientação que mostrem o que se sabe atualmente do desenvolvimento e planificação da vocação e da vida;
- estes esforços devem estar coordenados com tendências e mudanças conhecidas no mundo do trabalho."

Numa retomada histórica da Orientação Vocacional, verifica-se que Parsons (1906) se preocupava com a vocação, profissão e escolha e com a presente necessidade que tem a juventude, de encontrar trabalho apropriado. Assegura que, para que uma pessoa realize uma escolha correta, necessita estar bem informada a respeito das características dos diversos empregos e das suas próprias características, aptidões e limitações.

É grande o número de Teorias a respeito da Orientação Vocacional:

Super (1910) representa a teoria desenvolvimentista e diz: "A Orientação Vocacional é um meio de auxiliar o indivíduo a fazer escolhas e ajustamentos ocupacionais na busca do autodesenvolvimento e da auto-realização."

Diz ainda: "A vida ocupacional de um homem é considerada um dado fundamental de sua existência."

Observa: "As características pessoais e a situação sócio-econômica desempenham um papel sempre mais importante no curso da adolescência e após a entrada no mercado de trabalho."

Holland (1966) fundamenta sua teoria em:

- a escolha da carreira representa dois aspectos distintos: extensão da personalidade, e aplicação de estilos individuais e pessoais de comportamento no contexto da vida de trabalho;
- projeção da visão de si mesmo e visão do mundo de trabalho em títulos ocupacionais.

E diz ainda: "o indivíduo projeta o estilo de vida preferido em títulos ocupacionais."

Roe (1956) tenta em sua teoria relacionar os fatores genéticos e experiências da infância de um lado e o comportamento da pessoa em relação à vocação.

Diz: "Os antecedentes genéticos de cada pessoa constituem as bases de suas habilidades e seus interesses, que são relacionados com a escolha vocacional.

Pode-se observar nessa teoria que os fatores genéticos e a hierarquia de necessidades de uma pessoa fundem-se para influenciar a seleção de uma vocação.

Roe (1956) diz:

"cada indivíduo herda uma tendência para gastar suas energias de algum modo e essa predisposição inata, combinada com várias experiências da infância, modela um estilo geral que um indivíduo utiliza para satisfazer suas necessidades através de sua vida. O resultado do estilo tem importância e implicação no comportamento da carreira".

Os três importantes componentes da teoria de Roe são:

- "a influência de Gardner Murphy é implícita em seu conceito de canalização da energia física e em sua suposição de que as experiências da infância são como um relatório da escolha profissional;
- a teoria das necessidades básicas Maslow (1954);
- a noção da influência genética na decisão vocacional."

Pode-se observar que a teoria condiciona os fatores genéticos de cada indivíduo são como razão fundamental de suas habilidades e interesses, os quais giram em torno da escolha vocacional. E que esses fatores, mais a hierarquia de necessidades, se combinam para influenciar na seleção da vocação como parte de seu resultado e como norma para toda a vida.

Hollingshead (1949), Havighrust (1964), Pipsett (1962), e outros representam a Teoria Sociológica de escolha vocacional. Enfatizam que a classe social afeta os planos vocacionais, a disponibilidade de trabalho e o sentimento de certeza sobre os planos.

Dizem ainda que elementos fora do controle do indivíduo interferem nas decisões vocacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. BOCCIA, (1947). *Tratado de Medicina del Trabajo*. Buenos Aires. 1947. p.25
2. BOROW, Henry. *Man in a World at Work*. Boston. Houghton Miffling, 1964. p.24-44.
3. CABANELLAS, G. e ZANVIA, A. *Tratado de Política Laboral e Social*. Buenos Aires. Heliasta, 1972.
4. COMBS, W.A. e SNYGG, D. *Individual Behavior*. New York. Harper e Row, 1959. p.37-58.
5. CONSTITUIÇÃO FEDERAL, art. 160 III, cit. U.H. Carvalho e M. Segre. *Medicina Social e do Trabalho*. São Paulo. Mc Graw-Hill, 1977.
6. CIRIGLIANO, G.F.G. *Fenômenologia da Educação*. Petrópolis. Vozes, 1969.
7. DEBESSE, M. *L'adolescent est-elle une crise?* *Enfance*. 1958, 11, 287-307. cit. Pfromm Netto. *Psicologia da*

- Adolescência*. 6 ed. São Paulo. Pioneira, 1977. p.5.
8. DEWEY, John. *Vida e Educação*. Trad. Anísio S. Teixeira. 5 ed. São Paulo. Melhoramentos, 1965 p.13-27.
 9. DIAS SOBRINHO, J. *O Projeto Antropológico de Georges Gusdorf e as suas implicações na Educação*. Campinas, 1975, Tese.
 10. DUNLOP, R.S. "Professional Educators, Parents, and Students Assess the Counselor's Role". *Personnel and Guidance Journal*, 1955, 10, p.4024-28.
 11. EURAUFF, W. "Perception of the Counselor". *The School Counselor*, 1961, 8, p.78-82.
 12. FREUD, A. *Adolescence*(1962) cit. Pfromm Netto. *Psicologia da Adolescência*. 6ed. S.P. Pioneira, 1977. p.5-6.
 13. GARRIGUET. cit. L. Alcalá Zanvia e G. Cabanellas. *Tratado de Política Laboral y Social*. Buenos Aires, Heliasta, 1972.
 14. GIDE. cit. L. Alcalá Zanvia e G. Cabanellas. *Tratado de Política Laboral y Social*. Buenos Aires. Heliasta, 1972.
 15. GUSDORF, G. *Professores para quê?* 2 ed. Trad. João Bernard da Costa e Antonio Ramos Rosa.

16. HAVIGHURST, R.J. *Youth in Exploration and Man Emergent*; cit. Henry Borow. *Man in a World at Work*. Boston. Houghton Mifflin, 1964. p.202-236.
17. HEILBRONER, R.L. *A Formação da Sociedade Econômica*. Trad. Ivo Barroso e Cassio Fonseca. 2 ed. Rio de Janeiro. Zahar, 1964. p. 16-18.
18. HERR, L.E. e CRAMER, H.S. *Vocational Guidance and Career Development in the Schools: Toward a Systems Approach*. New York. Houghton Miffling, 1972. p.41-44.
19. HILL, George. *Management and Improvement of Guidance*. Nova York. Meredith, 1965. p.3-18 e 305-318.
20. HOLLAND, J.L. *The Psychology of Vocational Choice*. U.S.A. Ginn and Waltham, 1966. p.14-25.
21. HOLLINGSHEAD, A.B. *Elmtown's Youth*. New York. Wiley, 1949. cit. Osipow. *Theories of Career Development*. p.201.
22. JOURARD, M.S. *Personal Adjustment*. 2ed. New York, Macmillan, 1963. p.32-55.
23. LIMA VAZ, C.H. *Ontologia e História*. São Paulo. Duas Cidades, 1968. p.276-278.
24. LIPSETT, L. *Social factors in Vocational development*. *Personnel Guidance J.*, 1962, 40, 432-437.

25. MASLOW, A. *Motivation and Personality*. New York, Harper e Row, 1954. cap. IV, V, VI e VII.
26. MATHEWSON, R.H. *Guidance Police and Practice*. New York. Meredith, 1968. p.131-148.
27. MIRA e LOPEZ, E. *Psicologia Evolutiva da Criança e do Adolescente*: R. de Janeiro. Científica, 1954, cit. Pfromm Netto. *Psicologia da Adolescência*. 6 ed., São Paulo. Pioneira, 1977. p.6.
28. MORTENSEN, G.D. e SCHMULLER, M.A. *Guidance in Today's Schools*. 3ed. New York. John Wiley, 1962. p.3-21.
29. MUNGER, P.F. e outros (NDEA Institute Participantes two year late). *Personel and Guidance Journal*, 1962, 4, p. 987.
30. NOSOW, S. e FORM, H.W. *Man Work and Society*, New York, Basic Books, 1962. cap. II.
31. PARSONS, F. *Choosing a Vocation*, 1906; cit. Leona Tyler. *La Función del Orientador*, México. Trillas, 1977. p.28-33.
32. PARKER, S. *The future of the Work and Leisure*. Londres, Mac Gibeon, 1971.
33. PETERS, Hermany and SHERTZER, B. *Guidance: Program*,

Development and Management. Columbus Ohio. A Bell and Howell, 1969.

- 34. PFROMM NETTO, S. *Psicologia da Adolescência.* 6 ed. São Paulo. Pioneira, 1977. p.361-400.
- 35. RICH, M.J. *Bases Humanísticas da Educação.* Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro. Zahar, 1975. p. 21-25.
- 36. ROE, A. *The psychology of occupations.* New York. Wiley, 1956. cit. Osipow. *Theories of Career Development.* p.17-21.
- 37. SANSEVERINO, Riva. *Curso de Direito do Trabalho.* Trad. Elson Gottselial. Edições LTR/USA, 1976.
- 38. SUPER, D. Edwin, BOHN, M.U. *Psicologia Ocupacional.* (1910). Trad. Esdras do Nascimento e Jair F. dos Santos. São Paulo. Atlas, 1975. p.135-157.
- 39. TILGHER, A. *Work Through the Ages.* cit. Nosow e Form. *Man, Work and Society,* 1962. p.11-23.
- 40. TOLBERT, L.E. *Counseling for Career Development.* New York. Houghton Mifflin, 1974. p.25-29.
- 41. TYLER, E.L. *The Work of the Counselor.* 3ed., U.S.A. Meredith, 1969. p.19-59.

42. VIALARD Vázquez, L.R. Antonio. *El Trabajo Humano*. Buenos Aires. Universitária, 1970. p. 5-123.

43. VUILLEMIN, J. *L'Être et le Travail*. Paris, P.V.F., 1949. p. 16-17.

CAPÍTULO III

METODOLOGIA

Este estudo foi desenvolvido e organizado com o objetivo de investigar o conceito do significado de trabalho percebido pelo estudante na cidade de Campinas. É um estudo exploratório descritivo, um simples levantamento para obtenção de dados.

3.1. População

A população escolhida para este estudo foi a seguinte:

- estudantes de 2º e 3º graus da cidade de Campinas.

3.2. Amostra

Da população escolhida foi selecionada aleatoriamente uma amostra consistindo de três Escolas Estaduais, três Escolas Particulares representando o 2º grau; a Universidade Estadual

de Campinas (Unicamp) e a Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCC) representando o 3º grau.

Nas escolas de 2º grau foram escolhidas duas classes de cada escola num total de 12 assim constituídas:

- 5 classes do 1º ano;
- 4 classes do 2º ano;
- 3 classes do 3º ano.

As escolas de 2º grau selecionadas foram:

- Particulares: Ateneu Campinense, Colégio Notre Dame, Escola Salesiana São José; todas com Orientador Educacional.

- Estaduais: Escola Técnica de Comércio Bento Quirino, Colégio Técnico Industrial Conselheiro Antônio Prado, Escola Estadual de Segundo Grau Vitor Meireles, as duas últimas com Orientador Educacional.

Nas Universidades foram sorteados aleatoriamente 200 alunos, independente da área, do curso e da série que estavam frequentando.

Para se ter uma visão geral da distribuição e da posição da amostra, ver tabela 3.1. Amostragem. Pode-se observar nela que N= 795 assim distribuídos: 2º grau N= 438 sendo N= 241 de escola Particular dos quais N= 83 são do sexo feminino representados sócio-economicamente por 49 sujeitos na classe A, 12 sujeitos na classe B, 0 sujeitos na classe C e D e 22 sujeitos sem designação por insuficiência de dados e N= 158 são do sexo masculino representados sócio-economicamente por 66 sujeitos na classe A, 45 sujeitos na classe B, 5 sujeitos na classe C e 1 sujeito na classe D e 41 sujeitos sem designação por in-

suficiência de dados. E ainda N= 197 de escola Estadual dos quais N= 130 são do sexo feminino representados sócio-economicamente por 19 sujeitos na classe A, 41 sujeitos na classe B, 23 sujeitos na classe C, 7 sujeitos na classe D e 40 sujeitos sem designação por insuficiência de dados e N= 67 são do sexo masculino representados sócio-economicamente por 6 sujeitos na classe A, 28 sujeitos na classe B, 8 sujeitos na classe C, 5 sujeitos na classe D e 20 sujeitos sem designação por insuficiência de dados. E no 3º grau N= 357 sendo N= 160 de escola Particular dos quais N= 149 são do sexo feminino representados sócio-economicamente por 19 sujeitos na classe A, 48 sujeitos na classe B, 28 sujeitos na classe C, 2 sujeitos na classe D e 52 sujeitos sem designação por insuficiência de dados e N = 11 são do sexo masculino representados sócio-economicamente por 2 sujeitos na classe A, 1 sujeito na classe B, nenhum sujeito na classe C, nenhum sujeito na classe D e 8 sujeitos sem designação por insuficiência de dados. E ainda N= 197 de escola Estadual dos quais N= 72 são do sexo feminino representados sócio-economicamente por 16 sujeitos na classe A, 25 sujeitos na classe B, 12 sujeitos na classe C e 0 sujeito na classe D e 19 sujeitos sem designação por insuficiência de dados e N= 125 são do sexo masculino representados sócio-economicamente por 23 sujeitos na classe A, 38 sujeitos na classe B, 17 sujeitos na classe C, 3 sujeitos na classe D e 44 sujeitos sem designação por insuficiência de dados.

3.3. Hipóteses

Para se desenvolver esse estudo foram elaboradas as se-

TABELA 3.1. AMOSTRAGEM (N = 795)

| 3º GRAU (N = 357) | ESTADUAL (N=197) | M (N=125) | 40 (2-2-2-5) * = 44 |
|---------------------|----------------------|-----------|---------------------|
| | | | 39 (2-2-2-4) D = 3 |
| 38 (2-2-2-3) C = 17 | | | |
| 37 (2-2-2-2) B = 38 | | | |
| 36 (2-2-2-1) A = 23 | | | |
| F (N= 72) | 35 (2-2-1-5) * = 19 | | |
| | 34 (2-2-1-4) D = 0 | | |
| | 33 (2-2-1-3) C = 12 | | |
| | 32 (2-2-1-2) B = 25 | | |
| | 31 (2-2-1-1) A = 16 | | |
| M (N= 11) | 30 (2-1-2-5) * = 8 | | |
| | 29 (2-1-2-4) D = 0 | | |
| | 28 (2-1-2-3) C = 0 | | |
| | 27 (2-1-2-2) B = 1 | | |
| | 26 (2-1-2-1) A = 2 | | |
| F (N=149) | 25 (2-1-1-5) * = 52 | | |
| | 24 (2-1-1-4) D = 2 | | |
| | 23 (2-1-1-3) C = 28 | | |
| | 22 (2-1-1-2) B = 48 | | |
| | 21 (2-1-1-1) A = 19 | | |
| M (N=67) | 20 (1-2-2-5) * = 20 | | |
| | 19 (1-2-2-4) D = 5 | | |
| | 18 (1-2-2-3) C = 8 | | |
| | 17 (1-2-2-2) B = 28 | | |
| | 16 (1-2-2-1) A = 6 | | |
| F (N=130) | 15 (1-2-1-5) * = 40 | | |
| | 14 (1-2-1-4) D = 7 | | |
| | 13 (1-2-1-3) C = 23 | | |
| | 12 (1-2-1-2) B = 41 | | |
| | 11 (1-2-1-1) A = 19 | | |
| M (N=158) | 10 (1-1-2-5) * = 41 | | |
| | 9 (1-1-2-4) D = 1 | | |
| | 8 (1-1-2-3) C = 5 | | |
| | 7 (1-1-2-2) B = 45 | | |
| | 6 (1-1-2-1) A = 66 | | |
| F (N= 83) | 5 (1-1-1-5) * = 22 | | |
| | 4 (1-1-1-4) D = 0 | | |
| | 3 (1-1-1-3) C = 0 | | |
| | 2 (1-1-1-2) B = 12 | | |
| | 1 (1-1-1-1) A = (49) | | |
| 2º GRAU (N = 438) | ESTADUAL (N=197) | M (N=67) | 19 (1-2-2-4) D = 5 |
| | | | 18 (1-2-2-3) C = 8 |
| 17 (1-2-2-2) B = 28 | | | |
| 16 (1-2-2-1) A = 6 | | | |
| F (N=130) | 15 (1-2-1-5) * = 40 | | |
| | 14 (1-2-1-4) D = 7 | | |
| | 13 (1-2-1-3) C = 23 | | |
| | 12 (1-2-1-2) B = 41 | | |
| | 11 (1-2-1-1) A = 19 | | |
| M (N=158) | 10 (1-1-2-5) * = 41 | | |
| | 9 (1-1-2-4) D = 1 | | |
| | 8 (1-1-2-3) C = 5 | | |
| | 7 (1-1-2-2) B = 45 | | |
| | 6 (1-1-2-1) A = 66 | | |
| F (N= 83) | 5 (1-1-1-5) * = 22 | | |
| | 4 (1-1-1-4) D = 0 | | |
| | 3 (1-1-1-3) C = 0 | | |
| | 2 (1-1-1-2) B = 12 | | |
| | 1 (1-1-1-1) A = (49) | | |
| 3º GRAU (N = 357) | PARTICULAR (N=160) | M (N= 11) | 25 (2-1-1-5) * = 52 |
| | | | 24 (2-1-1-4) D = 2 |
| 23 (2-1-1-3) C = 28 | | | |
| 22 (2-1-1-2) B = 48 | | | |
| 21 (2-1-1-1) A = 19 | | | |
| F (N=149) | 20 (1-2-2-5) * = 20 | | |
| | 19 (1-2-2-4) D = 5 | | |
| | 18 (1-2-2-3) C = 8 | | |
| | 17 (1-2-2-2) B = 28 | | |
| | 16 (1-2-2-1) A = 6 | | |
| M (N=67) | 15 (1-2-1-5) * = 40 | | |
| | 14 (1-2-1-4) D = 7 | | |
| | 13 (1-2-1-3) C = 23 | | |
| | 12 (1-2-1-2) B = 41 | | |
| | 11 (1-2-1-1) A = 19 | | |
| F (N=130) | 10 (1-1-2-5) * = 41 | | |
| | 9 (1-1-2-4) D = 1 | | |
| | 8 (1-1-2-3) C = 5 | | |
| | 7 (1-1-2-2) B = 45 | | |
| | 6 (1-1-2-1) A = 66 | | |
| M (N=158) | 5 (1-1-1-5) * = 22 | | |
| | 4 (1-1-1-4) D = 0 | | |
| | 3 (1-1-1-3) C = 0 | | |
| | 2 (1-1-1-2) B = 12 | | |
| | 1 (1-1-1-1) A = (49) | | |

guintes hipóteses:

Ho₁ - Não há diferença significativa entre estudantes do 2º grau e estudantes do 3º grau em relação ao conceito percebido por eles quanto ao significado de trabalho.

Ho₂ - Não há diferença significativa entre os estudantes que frequentam Escola Particular e estudantes que frequentam Escola Estadual em relação ao conceito percebido por eles quanto ao significado de trabalho.

Ho₃ - Não há diferença significativa entre estudantes de sexo feminino e estudantes de sexo masculino em relação ao conceito percebido por eles quanto ao significado de trabalho.

Ho₄ - Não há diferença significativa entre estudantes de nível sócio-econômico diferente em relação ao conceito percebido por eles quanto ao significado de trabalho.

3.4. Variável

Foram consideradas para esse estudo as seguintes variáveis:

- variável Dependente: o conceito do significado de trabalho percebido pelo estudante. Esta variável foi estabelecida a partir das respostas dadas pelos estudantes aos formulários que lhes foram apresentados.

- variável Independente:

- Sexo: Esta variável foi estabelecida em: masculino e feminino.

- Nível sócio-econômico: Esta variável foi estabelecida mediante aos seguintes critérios:

- ocupação do pai;
- grau de escolaridade dos pais;
- total de renda mensal.

Foi estabelecida em níveis: A, B, C, D e E (quando não se pode determinar o nível sócio-econômico), segundo a Tabela Ocupacional de Bertram Hutchinson utilizada em seu estudo Trabalho e Mobilidade. (conforme Apêndice I)

- Grau de escolaridade: Esta variável foi estabelecida em 2º e 3º graus de escolaridade.

3.5. Instrumento

O instrumento foi elaborado em forma de questão aberta com o objetivo de não fechar as opções do aluno e fazer com que ele desse o maior número possível de significados que o trabalho pudesse ter para ele, deixando-o assim totalmente livre nas suas respostas.

Para elaborar o instrumento definitivo foi realizado um Estudo Piloto com a finalidade de escolher uma questão que fosse mais compreendida e aceita pelos estudantes.

Depois de elaborar várias questões fez-se a opção por duas:

- Por que você acha que as pessoas trabalham?
- O que você pensa a respeito de trabalho? Cite o maior número de significados, de sentidos que o trabalho tem para você.

O estudo piloto foi realizado em 40 alunos, representando uma classe de 1º ano do 2º grau de uma Escola Particular selecionada aleatoriamente e em 63 alunos da Universidade Estadual de Campinas selecionados aleatoriamente.

A aplicação das questões foi feita pessoalmente pelo autor da pesquisa que se limitou a ler as instruções contidas no formulário (Apêndice II). Não houve estipulação de tempo para conclusão das respostas. O material foi sendo recolhido à medida que os alunos indicavam ter terminado.

Uma vez terminada a apresentação do formulário, os dados foram analisados com a finalidade de determinar a compreensão ou não das questões e qual delas seria a mais adequada para esse estudo.

Pôde-se verificar que a questão: Por que você acha que as pessoas trabalham resultou em algumas respostas evasivas como por exemplo:

- Eu não sei, nunca trabalhei.
- Eu não trabalho.
- Eu ainda não passei por essa experiência.

No total de 40 respostas de alunos do 2º grau pôde-se verificar que 15 respostas, ou seja, 37,5% foram evasivas.

No total de 63 respostas de alunos do 3º grau pôde-se verificar que 10 respostas, ou seja, 15,3% foram evasivas. No mais, as questões foram aceitas e compreendidas sem questionamento. Pela razão exposta anteriormente preferiu-se a questão: O que você pensa a respeito de trabalho? Cite o maior número de significados, de sentidos que o trabalho tem para você, pois que correspondia mais às expectativas deste estudo para constituir o instrumento propriamente dito (conforme Apêndice III).

3.6. Aplicação do Instrumento

O instrumento foi aplicado em duas classes de cada uma das escolas selecionadas e em 200 alunos de cada Universidade.

Os alunos das escolas de 2º grau, que foram submetidos à aplicação do formulário, compunham as classes designadas conforme critério da própria escola, ficando assim estabelecido :- no Ateneu Campinense, Colégio Notre Dame e na Escola Salesiana São José, as classes foram designadas pelo Orientador Educacional de acordo com a disponibilidade de classe e os formulários aplicados respectivamente no 2º, no 1º e no 3º anos. No Colégio Técnico Bento Quirino, Colégio Técnico Conselheiro Antônio Prado e na Escola Estadual de Segundo Grau Vitor Meireles, as classes das duas últimas escolas foram designadas pelo Orientador Educacional, sendo que a do Colégio Técnico Bento Quirino pelo professor de Programa de Informação Profissional e os formulários aplicados respectivamente no 2º, no 3º e no 1º anos.

Nas Universidades a aplicação do instrumento se realizou da seguinte maneira:

- Pontifícia Universidade Católica de Campinas:

Instituto de Letras - Os formulários foram aplicados em 70 alunos: 30 do curso diurno e 40 do curso noturno.

Instituto de Comunicação e Artes Plásticas - Os formulários foram aplicados em 90 alunos: 40 do curso noturno e 30 do curso diurno específico do curso de Artes Plásticas e 20 do curso noturno de Comunicação.

Instituto de Ciências Sociais - Em 40 alunos formando uma classe do 2º ano de História.

Os alunos não foram previamente avisados da pesquisa.

Na hora da aplicação dos formulários explicou-se-lhes o objetivo do levantamento e a importância e necessidade da colaboração deles.

As instruções contidas nos formulários foram lidas pelo autor da pesquisa e não houve determinação de tempo para o término dos mesmos, seguindo a mesma técnica usada no estudo piloto.

3.7. Coleta de Dados

Foram coletados a partir da tabulação das respostas dadas pelo estudante. Essa tabulação foi elaborada através da leitura de cada formulário para que se pudesse fazer uma análise sistemática e quantitativa do conteúdo para posterior categorização e tratamento estatístico dos mesmos.

3.8. Organização dos Dados

A organização dos dados para análise dos resultados utilizou de uma hierarquia já existente com fundamentação teórica que é a das necessidades básicas. De acordo com Maslow (1954); Jourard (1963); Mouly (1960), as necessidades básicas se hierarquizam em fisiológicas e psicológicas ou somatogênicas e psicogênicas.

Cada formulário foi analisado e categorizado mediante esta teoria, ou seja, o conceito de trabalho dado pelo estudante foi inserido primeiramente nas categorias a nível fisiológico e a nível psicológico. Posteriormente devido à variedade de conceitos obtidos foi decidido estabelecer subcategorias para uma melhor representação dos dados obtidos. Estas subcategorias foram formadas partindo-se dos conceitos expressos pelos estudantes, isto porque se verificou um aglomerado de conceitos que poderiam ser incluídos numa subcategoria dando uma representação, uma organização mais objetiva dos dados.

Assim, observando o quadro geral dos conceitos obtidos a nível fisiológico e a nível psicológico, (conforme Apêndices IV e V) podem-se inferir as seguintes subcategorias: a nível fisiológico: sobrevivência (F1), renda (F2), independência financeira (F3); e a nível psicológico: realização (P1), ocupação (P2), relacionamento (P3), atividade necessária (P4), status (P5), desenvolvimento (P6), outros (P7), que são vocábulos ou conceitos expressos pelos próprios sujeitos (conforme Apêndices VI e VII).

As subcategorias foram estabelecidas pelo pesquisador.

e um grupo de três estudantes universitários que se dispuseram a analisar o conteúdo dos formulários. Os estudantes pertenciam a áreas diferentes sendo um do curso de Tecnologia de Alimentos, um do curso de Ciências de Computação e um do curso de Linguística.

Para uma melhor compreensão da organização e distribuição dos dados obtidos, ver Tabela 3.2.: Conceito de Trabalho. Observa-se nessa tabela que de N= 795 obtiveram-se 1.357 conceitos expressos pelos estudantes, os quais foram distribuídos em: N= 489, ou seja, 36% dos dados obtidos recaem na categoria a nível fisiológico que contém as subcategorias assim estabelecidas: sobrevivência: N= 228, ou seja, 46,6% em relação à categoria e 16,8% em relação ao total de conceitos obtidos; renda: N= 138, ou seja, 28,2% em relação à categoria e 10,2% em relação ao total de conceitos obtidos; Independência Financeira N= 123, ou seja, 25,2% em relação à categoria e 9,1% em relação ao total de conceitos obtidos. E ainda: N= 868, ou seja, 64% dos dados obtidos recaem na categoria a nível psicológico que contém as subcategorias assim estabelecidas: realização: N= 370, ou seja, 42,6% em relação à categoria e 27,3% em relação ao total de conceitos obtidos; ocupação: N= 67, ou seja, 7,7% em relação à categoria e 4,9% em relação ao total de conceitos obtidos; relacionamento: N= 82, ou seja, 9,4% em relação à categoria e 6,0% em relação ao total de conceitos obtidos; atividade necessária: N= 129, ou seja, 14,9% em relação à categoria e 9,5% em relação ao total de conceitos obtidos; status: N= 39, ou seja 4,5% em relação à categoria e 2,9% em relação ao total de conceitos obtidos; desenvolvimento: N= 52, ou seja, 6,0% em relação à categoria e 3,8% em relação ao total de con-

ceitos obtidos; outros N= 129, ou seja, 14,9% em relação à categoria e 9,5% em relação ao total de conceitos obtidos.

TABELA 3.2. DISTRIBUIÇÃO DO CONCEITO DE TRABALHO

| CONCEITO DE TRABALHO (N = 795) (1357 = 100%) | | | | | | | | | | |
|--|-------------------------|-------|-------------------------|------------------|----------|-------------------------|------------------------|--------|----------------------|--------|
| | FISIOLÓGICO (489 = 36%) | | | | | PSICOLÓGICO (868 = 64%) | | | | |
| | Sobre- vência | Renda | Independ. financeir. | Realiz- zação | Ocupação | Relacio- namento | Atividade necessár. | Status | Desenvol- vimento | Outros |
| Nº Bruto | 228 | 138 | 123 | 370 | 67 | 82 | 129 | 39 | 52 | 129 |
| % de Sub Totais 489 e | 46.6% | 28.2% | 25.2% | 42.6% | 7.7% | 9.4% | 14.9% | 4.5% | 6.0% | 14.9% |
| 868 % de Total(1357) | 16.8% | 10.2% | 9.1% | 27.3% | 4.9% | 6.0% | 9.5% | 2.9% | 3.8% | 9.5% |

CAPÍTULO IV

ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados relatados neste capítulo foram obtidos pela análise dos formulários a que se submeteram 795 sujeitos. Esses resultados foram organizados de tal maneira que pudessem receber um tratamento estatístico para que se tomasse uma decisão quanto à manutenção ou rejeição da hipótese nula.

Pelo fato de a qualidade dos dados representarem categorias discretas nominais, escolheu-se o teste não paramétrico χ^2 para K amostras independentes, Siegel (1956), com um nível de significância de 0,05.

Teste das Hipóteses

Hipótese 1. Não há diferença significativa entre estudantes do 2º grau e estudantes do 3º grau em relação ao conceito percebido por eles quanto ao significado de trabalho.

As tabelas 4.1, 4.2, e 4.3 relatam os resultados relacionados com o nível de escolaridade dos sujeitos.

Na tabela 4.1, quando se consideram as categorias genéricas, no total de fisiológicas e psicológicas, verifica-se um resultado de χ^2 .989 com 1 grau de liberdade e não significância quanto ao nível de escolaridade. Nesse caso a hipótese H_{01} é mantida.

TABELA 4.1. O TOTAL DAS CATEGORIAS A NÍVEL FISIOLÓGICO E PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO GRAU DE ESCOLARIDADE

| | F | PSI | | |
|----|-------|-------|------|--|
| 2º | 262.3 | 465.7 | | |
| | 271 | 457 | 728 | |
| 3º | 226.7 | 402.3 | | |
| | 218 | 411 | 629 | |
| | 489 | 868 | 1357 | |

$\chi^2 = 989$
 $gl = 1$
 $p = N.S.$

TABELA 4.2. A DISTRIBUIÇÃO TOTAL DAS SUBCATEGORIAS EM RELAÇÃO AO GRAU DE ESCOLARIDADE

| | F1 | F2 | F3 | P1 | P2 | P3 | P4 | P5 | P6 | P7 | |
|---|-----------------|---------------|----------------|-----------------|---------------|---------------|---------------|----------------|---------------|---------------|------|
| 2 | 122.3 3.5036 | 74.0 .2162 | 66.0 .9697 | 198.6 1.5597 | 35.9 .0337 | 44.0 .2045 | 69.2 .1480 | 20.9 7.0053 | 27.9 .5452 | 69.2 .0006 | 728 |
| 3 | 105.7 4.0538 | 64.0 .2500 | 57.0 1.1228 | 171.4 1.8072 | 31.1 .0389 | 38.0 .2368 | 59.8 .1772 | 18.1 8.0890 | 24.1 .6311 | 59.8 .0007 | 629 |
| | 228 | 138 | 123 | 370 | 67 | 82 | 129 | 39 | 52 | 129 | 1357 |

$$\chi^2 = 30.588$$

$$gl = 9$$

$$p < 001$$

$$C = 148$$

TABELA 4.3. A DISTRIBUIÇÃO DAS SUBCATEGORIAS A NÍVEL FISIOLÓGICO E A NÍVEL PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO GRAU DE ESCOLARIDADE

| | F1 | F2 | F3 | |
|----|-----------------|---------------|----------------|-----|
| 28 | 126.4 2.1801 | 76.5 .5523 | 68.1 1.4979 | 271 |
| | 143 | 70 | 58 | |
| 30 | 101.6 2.7122 | 61.5 .6870 | 54.9 1.8581 | 218 |
| | 85 | 68 | 65 | |

C = 138

$\chi^2 = 9.4876$

gl = 2

P < 01

228 138 123 489

| | P1 | P2 | P3 | P4 | P5 | P6 | P7 | |
|----|-----------------|---------------|---------------|---------------|----------------|---------------|---------------|-----|
| 28 | 194.8 .9811 | 35.3 .0819 | 43.2 .3343 | 67.9 .0532 | 20.5 1.6220 | 27.4 .4219 | 67.9 .0178 | 457 |
| | 181 | 37 | 47 | 66 | 33 | 24 | 69 | |
| 30 | 175.2 1.0870 | 31.7 .0912 | 38.8 .3722 | 61.1 .0591 | 18.5 8.4459 | 24.6 .4699 | 61.1 .0498 | 411 |
| | 189 | 30 | 35 | 63 | 6 | 60 | 60 | |

C = 150

$\chi^2 = 20.057$

gl = 6

P < 005

Numa análise mais profunda e abrindo as categorias em subcategorias (tabela 4.2), verifica-se um χ^2 de 30.588 com 9 graus de liberdade altamente significativa mesmo a 0,01, o que pode fundamentar a rejeição da hipótese H_{01} . Ainda numa terceira maneira de analisar os resultados, verifique-se a tabela 4.3 que estabelece o agrupamento de todas as subcategorias a nível fisiológico, obtendo-se um χ^2 de 9.4876 com 2 graus de liberdade significativos ainda a 0,01 que também fundamenta a rejeição da hipótese H_{01} . E ainda estabelece o agrupamento de todas as subcategorias a nível psicológico, obtendo-se um χ^2 de 20.057 com 6 graus de liberdade significativos abaixo de 0.05 com que também se rejeita a hipótese H_{01} .

Hipótese 2. Não há diferença significativa entre estudantes que frequentam Escola Particular e estudantes que frequentam Escola Estadual em relação ao conceito percebido por eles quanto ao significado de trabalho.

As tabelas 4.4, 4.5 e 4.6 relatam os resultados relacionados com o tipo de escolas frequentadas pelos sujeitos.

Na tabela 4.4, quando se consideram as categorias genéricas, no total de fisiológicas e psicológicas, verifica-se um resultado de χ^2 1569 com 1 grau de liberdade e não significância quanto ao tipo de escola. Nesse caso a hipótese H_{02} é mantida.

Numa análise mais profunda e abrindo as categorias em subcategorias (tabela 4.5), verifica-se um χ^2 de 16.180 com 9 graus de liberdade e não significância quanto ao tipo de escola. Nesse caso, também a hipótese H_{02} é mantida. Ainda numa terceira maneira de analisar os resultados, observe-se a tabela 4.6

TABELA 4.4. O TOTAL DAS CATEGORIAS A NÍVEL FISIOLÓGICO E PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO TIPO DE ESCOLA

| | F | PSI | | |
|-------|-------|-------|------|------------------|
| PART. | 242.2 | 429.8 | | |
| | 231 | 441 | 672 | $\chi^2 = 1.569$ |
| EST. | 246.8 | 438.2 | | $gl = 1$ |
| | 258 | 427 | 685 | $p = N.S.$ |
| | 489 | 868 | 1357 | |

TABELA 4.5. A DISTRIBUIÇÃO TOTAL DAS SUBCATEGORIAS EM RELAÇÃO AO TIPO DE ESCOLA

| | F1 | F2 | F3 | P1 | P2 | P3 | P4 | P5 | P6 | P7 | |
|-------|----------------|----------------|---------------|----------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|----------------|------|
| PART. | 112.9 .0072 | 68.3 2.9940 | 60.9 .2760 | 183.2 .0264 | 33.2 .4349 | 40.6 .0089 | 63.9 .0189 | 19.3 .2741 | 25.8 .5597 | 63.9 3.5682 | 672 |
| EST. | 115.1 .0070 | 69.7 2.9339 | 62.1 .2707 | 186.8 .0259 | 33.8 .4247 | 41.4 .0087 | 65.1 .0186 | 19.7 .2685 | 26.2 .5511 | 65.1 3.5026 | 685 |
| | 228 | 138 | 123 | 370 | 67 | 82 | 129 | 39 | 52 | 129 | 1357 |

$\chi^2 = 16.180$

gl = 9

p = N.S.

C = 109

TABELA 4.6. A DISTRIBUIÇÃO DAS SUBCATEGORIAS A NÍVEL FISIOLÓGICO E A NÍVEL PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO TIPO DE ESCOLA

| | F1 | F2 | F3 | |
|---|----------------|---------------|---------------|-----|
| P | 107.7 .1717 | 65.2 1.924 | 58.1 .8194 | 231 |
| E | 120.3 .1537 | 72.8 1.723 | 64.9 .7336 | 258 |
| | 228 | 138 | 123 | 489 |

C = .106
 $\chi^2 = 5.525$
 $g1 = 2$
 p = N.S.

| | P1 | P2 | P3 | P4 | P5 | P6 | P7 | |
|---|----------------|---------------|---------------|---------------|---------------|---------------|----------------|-----|
| P | 188.0 .2606 | 34.0 .2647 | 41.7 .0693 | 65.5 .0038 | 19.8 .3960 | 26.4 .7333 | 65.5 2.7824 | 441 |
| E | 182.0 .2692 | 33 .2727 | 40.3 .0717 | 63.5 .0039 | 19.2 .4083 | 25.6 .7563 | 63.5 2.8701 | 427 |
| | 370 | 67 | 82 | 129 | 39 | 52 | 129 | 868 |

C = .102
 $\chi^2 = 9.162$
 $g1 = 6$
 p = N.S.

que estabelece o agrupamento de todas as subcategorias a nível fisiológico, obtendo-se em χ^2 de 5.525 com 2 graus de liberdade e não significância quanto ao tipo de Escola. Nesse caso, também a hipótese H_{02} é mantida. E ainda estabelece o agrupamento de todas as subcategorias a nível psicológico, obtendo-se um χ^2 de 9.162 com 6 graus de liberdade e não significância quanto ao tipo de Escola, mantendo-se a hipótese H_{02} .

Hipótese 3. Não há diferença significativa entre estudantes de sexo feminino e estudantes de sexo masculino, em relação ao conceito percebido por eles quanto ao significado de trabalho.

As tabelas 4.7, 4.8, e 4.9 relatam os resultados relacionados com o sexo dos sujeitos.

Na tabela 4.7, quando se consideram as categorias genéricas, no total de fisiológicas e psicológicas, verifica-se um resultado de χ^2 .10.509 com 1 grau de liberdade significativos menor do que 0,05. Nesse caso, a hipótese H_{03} é rejeitada.

Numa análise mais profunda e abrindo as categorias em subcategorias (tabela 4.8), verifica-se um χ^2 de 35.3198 com 9 graus de liberdade altamente significante mesmo a 0,01. O que pode fundamentar a rejeição da hipótese H_{03} . Ainda numa terceira maneira de analisar os resultados, examine-se a tabela 4.9 que estabelece o agrupamento de todas as subcategorias a nível fisiológico, obtendo-se um χ^2 de 7.5452 com 2 graus de liberdade e significativos a 0,025 com que também se rejeita a hipótese H_{03} . E ainda estabelece o agrupamento de todas as subcategorias a nível psicológico, obtendo-se um χ^2 de 17.579 com 6 graus de liberdade significantes a 0,01 o que determina a rejeição da hipótese H_{03} .

TABELA 4.7. O TOTAL DAS CATEGORIAS A NÍVEL FISIOLÓGICO E PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO SEXO

| | F | PSI | |
|-----------|----------------------|----------------------|------|
| FEMININO | 290.1 5.36 262 | 514.9 62.6 543 | 805 |
| MASCULINO | 198.9 46.4 227 | 353.1 37.4 325 | 552 |
| | 489 | 868 | 1357 |

$$\phi = .088$$

$$\chi^2 = 10.509$$

$$g1 = 1$$

$$p < .005$$

TABELA 4.8. A DISTRIBUIÇÃO TOTAL DAS SUBCATEGORIAS EM RELAÇÃO AO SEXO

| | F1 | F2 | F3 | P1 | P2 | P3 | P4 | P5 | P6 | P7 | |
|------|-----------------|----------------|---------------|-----------------|---------------|---------------|----------------|----------------|----------------|---------------|-----|
| Fem. | 135.3 3.6755 | 81.9 1.7291 | 73.0 .4932 | 219.6 1.8951 | 39.7 .2743 | 48.6 .6000 | 76.5 1.4412 | 23.1 .7277 | 30.8 3.3779 | 76.5 .1601 | 805 |
| | 113 | 70 | 79 | 240 | 43 | 54 | 66 | 19 | 41 | 80 | |
| Mas | 92.7 5.3645 | 56.1 2.5242 | 50.0 .7200 | 150.4 2.7670 | 27.3 .3989 | 33.4 .8731 | 52.5 2.1000 | 15.9 1.0572 | 21.2 4.9075 | 52.5 .2333 | 552 |
| | 115 | 68 | 44 | 130 | 24 | 28 | 63 | 20 | 11 | 49 | |
| | 228 | 138 | 123 | 370 | 67 | 82 | 129 | 39 | 52 | 129 | |

$C = .159$
 $\chi^2 = 35.3198$
 $gl = 9$
 $P < .001$

TABELA 4.9. A DISTRIBUIÇÃO DAS SUBCATEGORIAS A NÍVEL FISIOLÓGICO E A NÍVEL

PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO SEXO

| | F1 | F2 | F3 | |
|----|----------------|---------------|----------------|-----|
| M. | 122.2 .6926 | 73.9 .2058 | 65.9 2.6041 | 262 |
| F. | 105.8 .8000 | 64.1 .2373 | 57.1 3.0054 | 227 |
| | 228 | 138 | 123 | 489 |

$C = .123$

$\chi^2 = 7.5452$

$g1 = 2$

$p < .025$

228 138 123 489

| | P1 | P2 | P3 | P4 | P5 | P6 | P7 | |
|----|----------------|---------------|---------------|----------------|----------------|----------------|---------------|-----|
| M. | 231.5 .3121 | 41.9 .0289 | 51.3 .1421 | 80.7 2.6777 | 24.4 1.1951 | 32.5 2.2231 | 80.7 .0061 | 543 |
| F. | 138.5 .5217 | 25.1 .0482 | 30.7 .2375 | 48.3 4.4739 | 14.6 1.9973 | 19.5 3.7051 | 48.3 .0100 | 325 |
| | 370 | 67 | 82 | 129 | 39 | 52 | 129 | 868 |

$C = .141$

$\chi^2 = 17.579$

$g1 = 6$

$p < .01$

Hipótese 4. Não há diferença significativa entre estudantes de nível sócio-econômico diferente em relação ao conceito percebido por eles quanto ao significado de trabalho.

As tabelas 4.10, 4.11 e 4.12 relatam os resultados relacionados com o nível sócio-econômico dos sujeitos.

Na tabela 4.10 quando se consideram as categorias genéricas, no total de fisiológicas e psicológicas verifica-se um x^2 de 2.690 com 3 graus de liberdade e não significância quanto ao nível sócio-econômico. Nesse caso, a hipótese Ho_4 é mantida.

Numa análise mais profunda e abrindo as categorias em subcategorias (tabela 4.11), verifica-se um x^2 de 19.879 com 18 graus de liberdade e não significância em relação ao nível sócio econômico, mantendo-se a hipótese Ho_4 . Ainda numa terceira maneira de analisar os resultados, note-se a tabela 4.12 que estabelece o agrupamento de todas as subcategorias a nível fisiológico, obtendo-se um x^2 de 2.309 com 4 graus de liberdade e não significância quanto ao nível sócio-econômico, com que também se mantém a hipótese Ho_4 . E ainda estabelece o agrupamento de todas as subcategorias a nível psicológico, obtendo-se um x^2 de 15.411 com 12 graus de liberdade e não significância em relação ao nível sócio-econômico. Nesse caso, também a hipótese Ho_4 é mantida.

TABELA 4.10. O TOTAL DAS CATEGORIAS A NÍVEL FISIOLÓGICO E PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO

| | F | PSI | |
|----|-----------------------|-----------------------|-----|
| A. | 124.6 .7396 115 | 218.4 .4220 228 | 343 |
| B. | 142.4 .2202 148 | 249.6 .1256 244 | 392 |
| C. | 62.5 .0360 64 | 109.5 .0205 108 | 172 |
| D. | 9.4 .7191 12 | 16.6 .4072 14 | 26 |
| | 339 | 594 | 933 |

C = .053
 $\chi^2 = 2.690$
gl = 3
p = N.S.

TABELA 4.11. A DISTRIBUIÇÃO TOTAL DAS SUBCATEGORIAS EM RELAÇÃO AO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO

| | F1 | F2 | F3 | P1 | P2 | P3 | P4 | P5 | P6 | P7 | |
|-------|---------------|----------------|----------------|----------------|---------------|---------------|----------------|----------------|----------------|---------------|-----|
| A | 59.2 .0243 | 33.5 .1866 | 32.0 1.1250 | 93.4 .0039 | 16.9 .2609 | 22.1 .0367 | 33.8 1.1373 | 10.3 1.0573 | 11.4 .5053 | 30.5 .9918 | 343 |
| B | 67.6 .0852 | 38.2 .1267 | 36.6 .7967 | 106.7 .0158 | 19.3 .0047 | 25.2 .1286 | 38.7 .0127 | 11.8 .0034 | 13.0 1.2308 | 34.9 .4358 | 392 |
| C & D | 34.2 .0421 | 19.3 1.1446 | 18.4 .0196 | 53.9 .0670 | 9.8 .3306 | 12.7 .5746 | 19.5 1.5513 | 5.9 1.6288 | 6.6 6.2061 | 17.6 .1455 | 198 |
| | 161 | 91 | 87 | 254 | 46 | 60 | 92 | 28 | 31 | 83 | 933 |

$C = .144$
 $\chi^2 = 19.879$
 $gl = 18$
 $p = N.S.$

TABELA 4.12- A DISTRIBUIÇÃO DAS SUBCATEGORIAS A NÍVEL FISIOLÓGICO E PSICOLÓGICO EM RELAÇÃO AO NÍVEL SÓCIO-ECONÔMICO

| | F1 | F2 | F3 | |
|-------|---------------|---------------|---------------|-----|
| A | 54.6 .2117 | 30.9 .0003 | 29.5 .4153 | 115 |
| B | 70.3 .0013 | 39.7 .3448 | 38.0 .4211 | 148 |
| C & D | 36.1 .2662 | 20.4 .6353 | 19.5 .0128 | 76 |
| | 161 | 91 | 87 | 339 |

C = .082

$\chi^2 = 2.309$

g1 = 4

P = N.S.

| | P1 | P2 | P3 | P4 | P5 | P6 | P7 | |
|-------|----------------|---------------|---------------|----------------|----------------|----------------|---------------|-----|
| A | 97.5 .1256 | 17.7 .0955 | 23.0 .0000 | 35.3 .6258 | 10.7 .12794 | 11.9 .7067 | 31.9 .5270 | 228 |
| B | 104.3 .1513 | 18.9 .0005 | 24.7 .2142 | 37.8 .0011 | 11.5 .0217 | 12.7 .10779 | 34.1 .2818 | 244 |
| C & D | 52.2 .0008 | 9.4 .2085 | 12.3 .4301 | 18.9 .10522 | 5.8 .17655 | 6.4 .68063 | 17.0 .0588 | 122 |
| | 161 | 91 | 87 | 92 | 28 | 31 | 16 | 594 |

C = .159

$\chi^2 = 15.411$

g1 = 12

P = N.S.

CAPÍTULO V

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS E CONCLUSÕES

Este estudo teve o objetivo de levantar o conceito do significado de trabalho percebido pelo estudante para, em uma etapa posterior, fundamentar programas de Orientação Vocacional. Foi uma tentativa de partir do que o estudante percebe a respeito de trabalho para poder orientá-lo.

Através deste levantamento pôde-se verificar que a ênfase das respostas dadas pelo estudante demonstra uma preocupação com a satisfação das necessidades a nível psicológico.

Pode-se concluir que os estudantes estão buscando na atividade de trabalho, em primeiro plano, uma realização. E ainda: que a ordem das demais subcategorias, considerando-se o total de conceitos dados, é a seguinte: atividade necessária, relacionamento, ocupação, desenvolvimento e "status".

A hipótese H_{01} só pôde ser rejeitada quando se consideraram os conceitos dados pelo estudante, os quais formaram as subcategorias, tanto quando consideradas em sua totalidade a nível fisiológico e psicológico, como no total em cada nível.

A hipótese H_{02} foi mantida em toda a análise realizada, indicando que o tipo de escola que o estudante frequenta não influi na percepção do conceito do significado de trabalho.

Em relação a H_0 observa-se que estudantes de sexo diferente percebem o conceito do significado de trabalho de maneira diferente, tanto quando se considerou o total das categorias a nível fisiológico e psicológico, como também as subcategorias.

A observação dos dados expressos na Tabela 4.9 evidenciam as diferenças existentes entre os sexos com relação ao conceito de trabalho, assim estabelecidas: sobrevivência (F_1) tem 113 conceitos dados por estudantes do sexo masculino e 115 conceitos dados por estudantes do sexo feminino; renda (F_2) tem 70 conceitos dados por estudantes do sexo masculino e 68 conceitos dados por estudantes do sexo feminino; independência financeira (F_3) tem 79 conceitos dados por estudantes do sexo masculino e 44 conceitos dados por estudantes do sexo feminino. E ainda se observa que, nas subcategorias a nível psicológico, realização (P_1) tem 240 conceitos dados por estudantes do sexo masculino e 130 conceitos dados por estudantes do sexo feminino; ocupação (P_2) tem 43 conceitos dados por estudantes do sexo masculino e 24 conceitos dados por estudantes do sexo feminino; relacionamento (P_3) tem 54 conceitos dados por estudantes do sexo masculino e 28 conceitos dados por estudantes do sexo feminino; atividade necessária (P_4) tem 66 conceitos dados por estudantes do sexo masculino e 63 conceitos dados por estudantes do sexo feminino; status (P_5) tem 19 conceitos dados por estudantes do sexo masculino e 20 conceitos dados por estudantes do sexo feminino; desenvolvimento (P_6) tem 41 conceitos dados por estudantes do sexo masculino e 11 conceitos dados por estudantes do sexo feminino.

As diferenças quanto ao sexo na percepção do conceito

do significado de trabalho talvez se devam a diferenças biológicas, fisiológicas e psicológicas, ou ainda, pela formação da estrutura social ou pela imposição de valores diferentes com relação a homens e mulheres, ou então, pelas diferenças educacionais. Estas questões que se levantam podem e devem ser estudadas mais profundamente em pesquisas posteriores.

A hipótese H_0_4 foi mantida em toda análise realizada indicando que estudantes de nível sócio-econômico diferente percebem o conceito do significado de trabalho da mesma maneira. Não existem diferenças em relação às classes A, B, C, D na percepção do conceito do significado de trabalho. Este aspecto vem contrariar a própria teoria das necessidades básicas, segundo Maslow (1954), Mouly (1960), Jourard (1963).

Todos os aspectos e resultados obtidos através desta pesquisa são de importância relevante para o orientador Educacional e Vocacional, porque eles configuram a percepção de uma clientela em relação à uma atividade do ser humano: trabalho.

As respostas dadas pelos estudantes servirão de suporte para orientação vocacional. O orientador passa a ter dados concretos para guiar sua atuação e pode levar o estudante a confrontar seus anseios, suas percepções, seus sentimentos com o mundo exterior. Ele irá ter subsídios para auxiliar o estudante a determinar seus valores, suas emoções, a fazer escolhas acertadas e a adotar uma conduta congruente no desempenho de suas atividades.

A Orientação Educacional e Vocacional precisa das teorias e conceitos já estabelecidos, mas necessita levantar certos dados e, entre eles, importa conhecer a percepção dos sujeitos em relação a um dado fundamental que, no caso, é o con-

ceito de trabalho, para poder estabelecer a correlação homem e mundo e orientar eficientemente.

Este estudo veio mostrar a necessidade de se respeitarem os valores individuais, as diferenças entre os sexos; as diferenças no grau de escolaridade e as diferenças sócio-econômicas no processo de orientação. E também que os programas de Orientação Educacional e Vocacional precisam preocupar-se com as necessidades fisiológicas, mas não podem deixar de lado as necessidades psicológicas dos estudantes. E, ainda, que, se a escolha Vocacional é um objetivo, da Orientação Vocacional e que dela decorrerá uma carreira, uma profissão e conseqüentemente uma atividade de trabalho, é preciso conhecer a percepção dos sujeitos para se poder auxiliar no processo de escolha.

Algumas dúvidas e sugestões permanecem para serem esclarecidas em pesquisas futuras.

- Talvez analisar os dados obtidos, empregando outras técnicas estatísticas.
- Analisar cada variável de maneira mais profunda
- Sugerir novo critério para a determinação do nível sócio-econômico.
- Sugerir a orientadores educacionais que façam levantamentos como o apresentado neste trabalho nas suas próprias escolas.
- Considerar, em pesquisas futuras, os estudantes que trabalham.
- Estabelecer o conceito que os adultos têm a respeito de trabalho.
- Fazer o levantamento com pessoas inseridas no trabalho.

- Talvez elaborar outra técnica para colher os dados, através de entrevistas individuais ou coletivas.

BIBLIOGRAFIA

1. BOCCIA. (1947). *Tratado de Medicina del Trabajo*. Buenos Aires. 1947.
2. BORDIN, NACHMANN, SEGAL. *An articulated framework for vocational development*. *J. Counsel. Psychology*, 1963, 10,
3. BOROW, Henry. *Man in a world at work*. Boston. Houghton Miffling, 1964.
4. BRILL, A.A. *Basic Principles of Psychoanalysis*. Garden City, N.Y. Deubleday, 1949. cit. Osipow. *Theories of Career Development*.
5. CABANELLAS, G. e ZANVIA, A. *Tratado de Política Laboral e Social*. Buenos Aires. Heliasta, 1972.
6. CIRIGLIANO, G.F.G. *Fenomenologia da Educação*. Petrópolis. Vozes, 1969.

7. COMBS, W.A. e SNYGG, D. *Individual Behavior*. New York. Harper & Row, 1959.
8. CONSTITUIÇÃO FEDERAL, art. 160 III, cit. U.H. Carvalho e M. Segre. *Medicina Social e do Trabalho*. São Paulo. McGraw-Hill, 1977.
9. DEBESSE, M. *L'adolescent est-elle une crise?* *Enfance*. 1958, 11, 287-307. cit. Pfromm Netto. *Psicologia da Adolescência*. 6 ed. São Paulo. Pioneira, 1977.
10. DEWEY, John. *Vida e Educação*. Trad. Anísio S. Teixeira. 5.ed. São Paulo. Melhoramentos, 1965.
11. DIAS SOBRINHO, J. *O Projeto Antropológico de Georges Gusdorf e as suas implicações na Educação*. Campinas, 1975, Tese.
12. DUNLOP, R.S. "Professional Educators, Parents, and Students Assess the Counselor's Role". *Personnel and Guidance Journal*, 1955, 10,
13. EURAUFF, W. "Perception of the Counselor". *The School Counselor*, 1961, 8,
14. FORGUS, H.R. *Percepção o Processo Básico do Desenvolvimento Cognitivo*. São Paulo. Herder, 1971.
15. FREUD, A. *Adolescence* (1962). cit. Pfromm Netto. *Psicologia da Adolescência*. 6 ed. São Paulo. Pioneira, 1977.

16. FREUD, S. cit. Osipow. *Theories of Career Development*. N.Y. Meredith, 1968.
17. GARRIGUET. cit. L. Alcalá Zanvia e G. Cabanellas. *Tratado de Política Laboral y Social*. Buenos Aires. Heliasta, 1972.
18. GIDE. cit. L. Alcalá Zanvia e G. Cabanellas. *Tratado de Política Laboral y Social*. Buenos Aires. Heliasta, 1972.
19. GOULD, J.; KOLB, L.W. *A Dictionary of the Social Sciences*. U.S.A., 1964.
20. GUSDORF, G. *Professores para quê?* 2 ed. Trad. João Bénard da Costa e Antonio Ramos Rosa.
21. HAVIGHURST, R.J. *Human Development and Education*. 1953. cit. Mouly. *Psychology for Effective Teaching*. U.S.A., Holt, Rinehart and Winston, 1960.
22. HEIDER, F. *Psicologia das Relações Interpessoais*. Trad. Dante Moreira Leite. São Paulo. Pioneira, 1970.
23. HEILBRONER, R.L. *A Formação da Sociedade Econômica*. Trad. Ivo Barroso e Cassio Fonseca. 2 ed. Rio de Janeiro, Zahar, 1964.

24. HERR, L.E. e CRAMER, H.S. *Vocational Guidance and Career Development in the Schools: Toward a Systems Approach*. New York. Houghton Miffling, 1972.
25. HILL, George. *Management and Improvement of Guidance*. New York. Meredith, 1963.
26. HOLLAND, J.L. *The Psychology of Vocational Choice*. U.S.A. Ginn and Waltham, 1966.
27. HOLLINGSHEAD, A.B. *Elmtown's youth*. New York. Willy, 1949. cit. Osipow. *Theories of career development*.
28. HUTCHINSON, B. e outros. *Estratificação, Mobilidade no Trabalho*. MEC/INEP. 1960.
29. JOURARD, M.S. *Personal Adjustment*. 2 ed. New York, Macmillan, 1963,
30. KRUMBOLTZ, J.D. e THORESEW *Behavioral Counseling, cases and Techniques*. New York. Holt, Rinehart and Winston, 1969.
31. LANGFELD e WELD. *Foundations of Psychology de Boning*. (1948). cit. Howard S. Bartley. *Princípios de Percepção*. México. Trillas, 1969.
32. LIMA VAZ, C.H. *Ontologia e História*. São Paulo. Duas Ci

dades, 1968.

33. LIPSETT, L. *Social factors in Vocational development.*
Personnel Guidance J., 1962, 40.
34. MARTINS, J. e CELANI, A.M.A. *Subsídio para a Redação de Tese de Mestrado e de Doutorado.* 2 ed. São Paulo, Cortez e Moraes, 1979.
35. MASLOW, A. *Motivation and Personality.* New York. Harper & Row, 1954.
36. MATHEWSON, R.H. *Guidance Police and Praticce.* New York. Meredith, 1968.
37. MIRA e LOPEZ, E. *Psicologia Evolutiva da Criança e do Adolescente.* Rio de Janeiro. Científica, 1954. cit. Pfromm Netto. *Psicologia da Adolescência.*
38. MOULY, George J. *Psychology for Effective Teaching.* U.S.A. Holt Rinehart and Winston, 1960.
39. MORTENSEN, G.D. e SCHMULLER, M.A. *Guidance in Today's Schools.* 3 ed. New York. John Wiley, 1962.
40. MUNGER, P.F. e outros (NDEA Institute Participantes two year late). *Personel and Guidance Journal*, 1962, 4.

41. NOSOW, S. e FORM, H.W. *Man Work and Society*. New York. Basic Books, 1962
42. OSIPOW, H. Samuel. *Theories of Career Development*. New York. Meredith, 1968.
43. PARKER, S. *The future of the Work and Leisure*. Londres. Mac Gibeon, 1971.
44. PARSONS, F. *Choosing a Vocation*, 1906; cit. Leona Tyler. *La Función del Orientador*, México. Trillas, 1977.
45. PETERS, HERMAN J. and SHERTZER, B. *Guidance: Program, Development and Management*. Columbus Ohio. A Bell and Howell, 1969.
46. PFROMM NETTO, Samuel. *Psicologia da Adolescência*. 6 ed. São Paulo. Pioneira, 1977.
47. RICH, M.J. *Bases Humanísticas da Educação*. Trad. Fernando de Castro Ferro. Rio de Janeiro. Zahar, 1975.
48. ROE, A. *The psychology of occupations*. New York. Wiley, 1956. cit. Osipow. *Theories of Career Development*.
49. SANSEVERINO, Riva. *Curso de Direito do Trabalho*. Trad. Elson Gottselial. Edições LTR/USA, 1976.

50. SIEGEL, Sidney. *Estatística Não-Paramétrica*. Trad. Alves de Farias. São Paulo, Mc Graw-Hill, 1977.
51. SUPER, D. Edwin; BOHN, M.J. *Psicologia Ocupacional* (1910). Trad. Esdras do Nascimento e Jair F. dos Santos. São Paulo. Atlas, 1975.
52. STAGNER e KARWOSKI. (1952). cit. Howard S. Bartely. *Principios de Percepción*. México. Trillas, 1969.
53. TILGHER, A. *Work Through the Ages*. cit. Nosow e Form. *Man, work and society*, 1962.
54. TOLBERT, L.E. *Counseling for Career Development*. New York. Houghton Mifflin, 1974
55. TYLER, L.E. *The Work of the Counselor*. 3 ed., U.S.A., Meredith, 1969.
56. VANDALEN, B.D. *Understanding Educational Research*, U.S.A., Mc Graw-Hill, 1962.
57. VIALARD Vázquez, L.R. Antonio. *El Trabajo Humano*. Buenos Aires. Universitária, 1970.
58. VUILLEMIN, J. *L'Être et le Travail*. Paris, P.V.F., 1949.

APÊNDICE I

ESCALA OCUPACIONAL

(Cols. 22 e 23 da Folha de Codificação de Professores e Col. 41 da Folha de Codificação de Alunos).

O seguinte esquema representa uma versão modificada da hierarquia de prestígio, utilizada por Bertram Hutchinson em seu estudo TRABALHO E MOBILIDADE. Difere da escala empregada por este autor principalmente porque separa "Supervisão de Trabalho Manual" de "Ocupações Não-Normais de Rotina", do que resultam 7 em vez de 6 categorias.

As rúbricas dadas às diferentes categorias não são exaustivas, isto é, não abrangem todas as ocupações que se podem classificar nas categorias respectivas. Sugerem simplesmente os protótipos. As ocupações não relacionadas devem ser enquadradas de acordo com o julgamento da equipe de codificação.

Conforme foi estabelecido na reunião de planejamento da codificação, realizada no C.R.P.E. em São Paulo, na segunda semana de setembro de 1963, os coordenadores estaduais estão autorizados a fazer as alterações que se impuseram face às circunstâncias especiais de que se reveste o exercício de certas ocupações nos diferentes Estados. Entretanto, essas alterações devem ser bem ponderadas e cuidadosamente anotadas.

ESCALA OCUPACIONAL (USADA POR BERTRAM HUTCHINSON EM SEU ESTUDO TRABALHO E MOBILIDADE)

0. Não se aplica.
1. Altos cargos políticos e administrativos, proprietários de grandes empresas e assemelhados.
2. Profissões liberais, cargos de gerência ou direção, proprietários de empresas de tamanho médio.
3. Posições mais baixas de supervisão ou inspeção de ocupações não manuais, proprietários de pequenas empresas comerciais, industriais, agro-pecuárias, etc.
4. Ocupações não-manuais de rotina e assemelhadas.
5. Supervisão de trabalho manual e ocupações assemelhadas.
6. Ocupações manuais especializadas e assemelhadas.
7. Ocupações manuais não especializadas.
8. Não sabe ou Sem informação.
9. Aposentado, estudante, prenda doméstica, ou sem profissão

N.B.: Em cada conjunto de 3 colunas, a primeira refere-se a esse código seguinte, mais detalhado.

000. Não se aplica

1. ALTOS CARGOS POLÍTICOS E ADMINISTRATIVOS. PROPRIETÁRIOS DE GRANDES EMPRESAS E ASSEMELHADOS

Banqueiro

Deputado

Desembargador

Diplomata

Diretor superintendente de grande companhia (inclusive Banco) com 50 subordinados ou mais.

Dono de empresas comerciais ou equivalente com 50 empregados ou mais

Fazendeiro com 50 empregados ou mais.

General. Brigadeiro. Almirante.

Industrial com 100 empregados ou mais.

2. PROFISSÕES LIBERAIS. CARGOS DE GERÊNCIA OU DIREÇÃO. PROPRIETÁRIOS DE EMPRESAS DE TAMANHO MÉDIO.

- Comerciante - 11 a 49 empregados ou "muitos" empregados.
- Corretor de imóveis com mais de 10 empregados ou "muitos" empregados
- Delegado de Polícia (São Paulo)
- Diretor de repartição pública
- Fazendeiro ou pecuarista - 11 a 49 empregados ou "muitos" empregados.
- Fazendeiro ou pecuarista, sem informação sobre o número de empregados
- Fiscal de Consumo
- Fiscal de Rendas Estaduais (São Paulo)
- Gerente de Banco
- Gerente de Pessoal
- Industrial ou dono de fábrica - 11 a 99 empregados ou "muitos" empregados
- Industrial, sem informação sobre o número de empregados
- Juiz - Promotor
- Oficiais das Forças Armadas (exceto General, Brigadeiro, Almirante e Tenente)
- Prefeito - Vereador
- Professor Universitário
- Tabelião - Dono de Cartório - Escrivão de Cartório - Oficial maior

Profissões Liberais e Assemelhados (*)

Advogado

Agrônomo

Arquiteto

Dentista

Economista

Engenheiro

Engenheiro Químico

Farmacêutico (diplomado)

Médico

Veterinário

(*) Profissões liberais poderão passar a 1 se forem proprietários ou dirigentes de grandes empresas.

3. POSIÇÕES MAIS BAIXAS DE SUPERVISÃO OU INSPEÇÃO DE OCUPAÇÕES NÃO MANUAIS PROPRIETÁRIOS DE PEQUENAS EMPRESAS COMERCIAIS, INDUSTRIAIS, AGRO-PECUÁRIAS, ETC.

Administrador de Fazenda com mais de 10 empregados

Agente de Correio (Chefe de Agência)

Agente de Estatística

Aviador (sem especificar)

Bibliotecário

Caixa (bancário)

Chefe de escritório ou de Secção em Repartição Pública

Chefe de Pessoal

Chefe de Secretaria

Coletor Estadual e Federal

Comerciante imobiliário (conta própria)

Comerciante ou Dono de Estabelecimento comercial, com 2 a 10 em empregados ou "alguns" ou "vários" empregados (inclusive "dono de hotel")

Comerciante (sem especificar)

Conferente de Alfândega

Construtor (sem referência a número de empregados)

Contador, Contabilista ou Guarda-Livros

Corretor de imóveis (com 2 a 10 empregados)

Delegado Regional de Ensino (São Paulo)

Desenhista (empregado e conta própria)

Despachante com mais de 1 empregado)

Dono de Farmácia (sem diploma)

Dono de Máquina de Café até 5 empregados

Escrevente de cartório

Forças Armadas - (Tenente e Sub-tenente do Exército e equivalente na Aeronáutica e Marinha)

Industrial ou Dono de Fábrica (de 2 a 10 empregados)

Inspetor de Ensino (São Paulo)

Jornalista

Lançador de Prefeitura

Oficial de Marinha Mercante

Pastor protestante

Professor secundário. Diretor de escola secundária

Proprietário (sem especificar "do que")

Proprietário rural - 2 a 10 empregados ou "vários" empregados

Protético com um ou mais empregados

Químico Industrial (sem curso superior)

Representante de firma comercial - 2 a 10 empregados e sem referência a número de empregados

Tesoureiro

Topógrafo

4. OCUPAÇÕES NÃO-MANUAIS DE ROTINA E ASSEMBELHADAS

Apicultor - sem informação sobre a propriedade da terra
Administrador de fazenda (até 10 empregados)
Almoxarife
Artista (sem especificar)
Auxiliar de Escritório
Bancário (sem especificar)
Caixa de firma comercial
Chefe de Estação de Estrada de Ferro
Comerciário (sem especificar e sem empregado)
Conferente (exceto Conferente de Alfândega - que fica na 3)
Corretor de imóveis com menos de 2 empregados
Datilógrafo
Despachante de Companhia de Aviação
Despachante sem empregado ou com 1 empregado
Dono de Estabelecimento Comercial sem empregado e com 1 emprega
do
Escriturário
Escrivão de Polícia
Ferroviário (sem especificar)
Fiscal da Prefeitura
Funcionário Público (sem especificar)
Gerente de casa comercial de tamanho médio (2 a 10 subordinados)
Locutor
Músico
Professor de música

Professor primário. Diretor de escola primária.

Propagandista (empregado)

Protético sem empregados

Publicitário (sem especificar)

Radialista

Radiotelegrafista

Recepcionista

Repórter

Revisor

Sargento

Sitiente proprietário (com 1 empregado ou sem empregado)

Sitiente (sem informação sobre o número de empregados)

Técnico de Laboratório

Telegrafista

Vendedor de Firma

Vendedor de Produtos farmacêuticos

Viajante Comercial

5. SUPERVISÃO DE TRABALHO MANUAL E OCUPAÇÕES ASSEMELHADAS

Agricultor (por conta própria) com um ou nenhum empregado
Apontador de obras
Artífices com 2 a 4 empregados
Chefe de estiva
Chefe de obras
Chefe de turma
Chefe de trem
Chefe de Secção (fábrica)
Contra Mestre
Cozinheiro (restaurante de 1a. classe)
Empreiteiro
Feitor ou Capataz
Fiscal de transporte coletivo
Guarda aduaneiro
Inspetor de Obras (Não é Engenheiro)
Inspetor de Polícia
Inspetor de serviço (oficina mecânica) (automóveis)
Mestre (indústria)
Mestre de obras

6. OCUPAÇÕES MANUAIS ESPECIALIZADAS E ASSEMELHADAS

Agricultor - meeiro ou parceiro (*)

Alfaiate

Barbeiro

Cabelereiro

Carpinteiro

Chacareiro

Chapeleiro

Cinegrafista

Cortador de luvas

Dono de banca de jornais e revistas

Dono de lenhadora

Dono de pensão

Dono de Olaria

Dono de Quitanda

Eletricista

Encanador ou Bombeiro

Feirante

Ferreiro

Fiscal de feira

Fotógrafo

Funileiro

Marceneiro

(*) O arrendatário rural deve ser classificado pelo número de empregados, sendo os limites os mesmos estabelecidos para o administrador.

Mecânico

Motorista

Músico de Banda

Operador de Cinema

Ourives

Padeiro (Distribuidor) por conta própria

Pedreiro

Pintor

Relojoeiro

Sapateiro

Seleiro

Serralhereiro

Técnico de Tecidos

Técnico de TV

Vidraceiro

Zelador de Edifício

7. OCUPAÇÕES MANUAIS NÃO ESPECIALIZADAS

Barqueiro

Carregador

Carroceiro

Cobrador de ônibus

Coletor de lixo

Cozinheiro

Dono de charrete

Entregador

Foguista

Guarda-noturno

Lavrador (sem empregados)

Lustrador

Marinheiro

Motorneiro

Pedreiro

Pescador

Poceiro

Porteiro

Tintureiro (sem empregados)

Trabalhador rural

Vendedor ambulante

0 - Não se aplica

8 - Não sabe ou sem informação

9 - Aposentado, Estudante, Prenda Doméstica, ou sem profissão

| COLUNA | CÓDIGO | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|-----------------------|---|---------------|--------------------------|---------|---|---------|---|---------|---|---------|--------|---------|---|---------|---|---------------|--------------------------|---------------|-------------------|--------------------|---|---------------|-----------------------|---------------|-------------------|---------------|---------------------|---------------|-----------------------|
| 54-55 Total de pontos | <p>Registre a soma dos seguintes produtos:</p> <p>Escore ocupacional da família X 3</p> <p>Escore educacional do pai X 2</p> <p>a) Para o nível ocupacional, utilize os seguintes escores:</p> <table border="0"> <thead> <tr> <th><u>Escore</u></th> <th><u>Código na Col. 23</u></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1</td> <td>1</td> </tr> <tr> <td>2</td> <td>2</td> </tr> <tr> <td>3</td> <td>3</td> </tr> <tr> <td>4</td> <td>4 ou 5</td> </tr> <tr> <td>5</td> <td>6</td> </tr> <tr> <td>6</td> <td>7</td> </tr> </tbody> </table> <p>b) Para o nível educacional, utilize os seguintes escores:</p> <table border="0"> <thead> <tr> <th><u>Escore</u></th> <th><u>Código na Col. 43</u></th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>1 ... 7 -- --</td> <td>Superior completo</td> </tr> <tr> <td>2 ... 6 ou 5 -- --</td> <td>Superior incompleto ou secundário completo</td> </tr> <tr> <td>3 ... 4 -- --</td> <td>Secundário incompleto</td> </tr> <tr> <td>4 ... 3 -- --</td> <td>Primário completo</td> </tr> <tr> <td>5 ... 2 -- --</td> <td>Primário incompleto</td> </tr> <tr> <td>6 ... 1 -- --</td> <td>Não frequentou escola</td> </tr> </tbody> </table> <p><u>Observação:</u></p> <p>Quando o informante tiver recebido <u>9</u> em qualquer das col. - 23 ou 43 - <u>de</u> verá receber o código 99 nas cols. - <u>54-55.</u></p> | <u>Escore</u> | <u>Código na Col. 23</u> | 1 | 1 | 2 | 2 | 3 | 3 | 4 | 4 ou 5 | 5 | 6 | 6 | 7 | <u>Escore</u> | <u>Código na Col. 43</u> | 1 ... 7 -- -- | Superior completo | 2 ... 6 ou 5 -- -- | Superior incompleto ou secundário completo | 3 ... 4 -- -- | Secundário incompleto | 4 ... 3 -- -- | Primário completo | 5 ... 2 -- -- | Primário incompleto | 6 ... 1 -- -- | Não frequentou escola |
| <u>Escore</u> | <u>Código na Col. 23</u> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1 | 1 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 2 | 2 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 3 | 3 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 4 | 4 ou 5 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 5 | 6 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 6 | 7 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| <u>Escore</u> | <u>Código na Col. 43</u> | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 1 ... 7 -- -- | Superior completo | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 2 ... 6 ou 5 -- -- | Superior incompleto ou secundário completo | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 3 ... 4 -- -- | Secundário incompleto | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 4 ... 3 -- -- | Primário completo | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 5 ... 2 -- -- | Primário incompleto | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| 6 ... 1 -- -- | Não frequentou escola | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

56 - Posição na Es
cala Sócio-e-
conômica

Observação:

Nesta coluna o total de pontos regis-
trados na cols. 54-55 será converti-
do em uma categoria ou posição em uma
escala de quatro posições. Siga, pa-
ra isto, o seguinte esquema:

| Código | Total de pontos nas cols. 54-55 |
|---------|---------------------------------|
| 1 | 5 a 12 - A |
| 2 | 13 a 19 - B |
| 3 | 20 a 25 - C |
| 4 | 26 a 30 - D |
| 9 | 99 |

A P E N D I C E I I

Sou da UNICAMP e estou fazendo um estudo muito importante para orientar os jovens na Escolha de suas Ocupações e Profissões, Assim sendo, gostaria que vocês me ajudassem respondendo com sinceridade e da maneira mais completa possível, as questões que aparecem na página seguinte.

Nome da Escola:

Localização (Bairro):

Sexo:

Grau de Escolaridade:

1. O que você pensa a respeito de trabalho? Cite o maior número de significados, de sentidos que o trabalho tem para você.

Nome da Escola:

Localização (Bairro):

Sexo:

Grau de Escolaridade:

1. Por que você acha que as pessoas trabalham?

A P Ê N D I C E I I I

^Sou da UNICAMP e estou fazendo um estudo muito importante para orientar os jovens na Escolha de suas Ocupações e Profissões. Assim sendo, gostaria que vocês me ajudassem respondendo com sinceridade e da maneira mais completa possível, as questões que aparecem na página seguinte.

1. Nome da Escola:

2. Localização (Bairro):

3. Grau de Escolaridade:

4. Sexo: Masculino

Feminino

5. Escolaridade dos Pais:

Pai

Mãe

analfabeto

alfabetizado

primário incompleto

primário completo

secundário incompleto

secundário completo

superior incompleto

superior completo

não sei

6. Ocupação do Pai ou Responsável:

(Por favor, indique a profissão de seu Pai ou Responsável ,
descrevendo-a da forma mais detalhada possível.)

7. Qual o total da renda mensal que seu Pai ou Responsável re
cebe?

8. O que você pensa a respeito de trabalho? Cite o maior núme
ro de significados, de sentidos que o trabalho tem para você?

A P P E N D I C E I V

ABREVIATURAS UTILIZADAS NAS TABELAS

- V. M. - Escola Estadual Vitor Meireles
- Coticap - Colégio Técnico Industrial Conselheiro Antonio Prado
- B. Q. - Colégio Técnico Bento Quirino
- Unicamp - Universidade Estadual de Campinas
- N. D. - Colégio Notre Dame
- S. J. - Escola Salesiana São José
- Ateneu - Colégio Ateneu Campinense
- PUCC - Pontifícia Universidade Católica de Campinas

TABELA DO TOTAL DOS CONCEITOS A NÍVEL FISIOLÓGICO

| CONC. FISIOLÓGICO | V.M. | COTICAP | B.Q. | UNICAMP | N.D. | S.J. | ATENEU | PUCC | TOTAL |
|-----------------------------|------|---------|------|---------|------|------|--------|------|-------|
| Sustento | 7 | 4 | 3 | 13 | 8 | 6 | 12 | 14 | 67 |
| Manutenção | 3 | | 1 | | | | | | 4 |
| Sobrevivência | 14 | 8 | 16 | 30 | 18 | 17 | 14 | 19 | 136 |
| Subsistência | 5 | 2 | | | | 2 | | | 9 |
| Meio de ajudar nas despesas | 3 | | | | | | | | 3 |
| Meio de ganhar a vida | 3 | 1 | | | | | | | 4 |
| Dinheiro | 5 | 13 | 9 | 25 | 8 | | 3 | 15 | 78 |
| Independência financeira | 5 | 10 | 7 | 22 | | 10 | 15 | 29 | 98 |
| Estabilidade financeira | 2 | | | 6 | | | 1 | 7 | 16 |
| Salário | 2 | 1 | 1 | 2 | 1 | 3 | 2 | | 12 |
| Melhor condição de vida | | 1 | 2 | 3 | | 2 | | 2 | 10 |
| Renda | | | 1 | 10 | 7 | | 3 | 3 | 24 |
| Recompensa financeira | | | 2 | | | | | | 2 |
| Atividade remunerada | | | | 2 | | | | | 2 |
| Apoio financeiro | | | | 2 | | | | | 2 |
| Produção | | | | | | | | 2 | 2 |

A P Ê N D I C E V

TABELA DO TOTAL DOS CONCEITOS A NÍVEL PSICOLÓGICO

| CONC. PSICOLÓGICO | V.M. | COTICAP | B:Q. | UNICAMP | N.D. | S.J. | ATENEU | PUCC | TOTAL |
|-----------------------------|------|---------|------|---------|------|------|--------|------|-------|
| Ímportante para a sociedade | 1 | | | | | | | | 1 |
| Ímportante para a pessoa | 2 | | | | | | | 2 | 4 |
| Valorizar as coisas | 3 | | | 3 | | | | 5 | 11 |
| Ocupação | 4 | 7 | 3 | 14 | 4 | 4 | 8 | 13 | 57 |
| Realização pessoal | 19 | 21 | 7 | 47 | 18 | 20 | 21 | 47 | 200 |
| Parte da vida do homem | 2 | | | | | | | | 2 |
| Satisfação | 1 | 3 | 1 | 13 | 3 | | 7 | 2 | 30 |
| Maior visão da vida | 1 | | 1 | 2 | | | | | 4 |
| Realização profissional | 1 | 3 | 1 | 25 | 3 | 4 | 10 | 8 | 55 |
| Complemento do estudo | 2 | | | | | | | | 2 |
| Responsabilidade | 8 | 1 | 1 | | 4 | 4 | 2 | 16 | 36 |
| Dignifica o homem | 1 | 1 | 2 | 5 | | 5 | | 7 | 21 |
| Passatempo | 1 | 1 | | | | | | | 2 |
| Relacionamento | 5 | 4 | 9 | 10 | 6 | 4 | 3 | 12 | 53 |
| Dã confiança | 3 | | | | | | | | 3 |
| Integrar-se ao mundo | 1 | | | | | 5 | | 8 | 14 |
| Amadurecimento | 1 | 1 | 2 | | | | | 4 | 8 |
| Sentir-se útil | 1 | 1 | 3 | 9 | 5 | 3 | 4 | 13 | 39 |
| Contribuição social | 1 | 1 | | | | | | 1 | 3 |
| Demonstrar amor à carreira | 1 | | | | | | | | 1 |
| Cultura | 1 | 1 | | | 5 | | | 2 | 9 |

| CONC. PSICOLÓGICO | V.M. | COTICAP | B.Q. | UNICAMP | N.D. | S.J. | ATENEU | PUCC | TOTAL |
|------------------------------|------|---------|------|---------|------|------|--------|------|-------|
| Enobrece o homem | 2 | | | 3 | 5 | | 2 | 11 | 21 |
| Bem-estar social | 2 | 3 | 2 | | | | | 2 | 9 |
| Aplicação do conhecimento | 1 | 1 | 2 | 4 | | | | | 8 |
| Fruto de esforço do homem | 1 | | | | | | | | 1 |
| Tomar-se produtivo | 2 | 4 | | | | | | | 6 |
| Experiência de vida | 1 | 1 | 2 | | 2 | | 2 | 7 | 15 |
| Ajuda formar caráter homem | 1 | | 1 | | | | | | 2 |
| Status | 2 | 1 | 19 | 3 | 4 | 3 | 4 | 2 | 38 |
| Obrigações | 1 | 1 | | 2 | | | | | 4 |
| Atividade essencial ao homem | | 7 | 1 | 3 | 6 | 7 | | 7 | 31 |
| Realização social | | 1 | | | | | | | 1 |
| Atividade gratificante | | 2 | | | | | | | 2 |
| Atividade necessária | | 2 | 2 | 19 | 4 | | 5 | 7 | 39 |
| Modo de vida | | 2 | | | | | | | 2 |
| Ideal | | 2 | | | | | | | 2 |
| Segurança | | 1 | | 2 | | | 1 | 3 | 7 |
| Estabilidade emocional | | 2 | | | | | | | 2 |
| Cansaço | | 1 | | | | | | 1 | 2 |
| Desenvolvimento | 1 | 1 | 2 | 13 | | 4 | | 12 | 33 |
| Felicidade | | 2 | | | | | | | 2 |
| Criar algo | | | 6 | 6 | 5 | 3 | | 4 | 24 |
| Tomar decisões | | | 2 | | | | | | 2 |

| CONC. PSICOLÓGICO | V.M. | COTICAP | B.Q. | UNICAMP | N.D. | S.J. | ATENEU | PUCC | TOTAL |
|-------------------|------|---------|------|---------|------|------|--------|------|-------|
| Auto-afirmação | | | | | | | 2 | 2 | 7 |
| Liberação social | | | | | | | 3 | | 3 |
| Emprego | | | | | | | | 1 | 1 |
| Luta | | | | | | | | 1 | 1 |
| Motivação | | | | | | | | 1 | 1 |
| Esperança | | | | | | | | 1 | 1 |
| Atualização | | | | | | | | 1 | 1 |
| Alienação | | | | | | | | 1 | 1 |
| Escravidão | | | | | | | | 1 | 1 |
| Nervosismo | | | | | | | | 1 | 1 |
| Desânimo | | | | | | | | 1 | 1 |
| Concorrência | | | | | | | | 1 | 1 |
| Agressão | | | | | | | | 1 | 1 |

A P É N D I C E VI

TABELA DAS SUBCATEGORIAS A NÍVEL FISIOLÓGICO

| (F ₁) SOBREVIVÊNCIA | (F ₂) RENDA | (F ₃) INDEPENDÊNCIA FINANCEIRA |
|---------------------------------|---------------------------|--|
| - subsistência | - salário | - estabilidade financeira |
| - manutenção | - dinheiro | - recompensa financeira |
| - sustento | - meio de ganhar a vida | - apoio financeiro |
| | - meio de adquirir coisas | - melhor condição de vida |
| | - atividade remunerada | |
| | - produção | |
| | - recompensa monetária | |

A P É N D I C E VII

TABELA DAS SUB-CATEGORIAS A NÍVEL PSICOLÓGICO

| (P ₁) REALIZAÇÃO | (P ₂) OCUPAÇÃO | (P ₃) RELACIONAMENTO | (P ₄) ATIVIDADE NECESSÁRIA |
|------------------------------|-----------------------------------|----------------------------------|--|
| - realização profissional | - preencher o tempo | - integração | - complemento do homem |
| - gratificante | - ter o que fazer | - integrar-se ao mundo | - atividade produtiva |
| - satisfação | | - ser solidário | - atividade importante |
| - dá confiança | | - integração social | - objetivo de vida |
| - sentir-se bem | | - contribuição social | - torna a pessoa ativa |
| - auto-afirmação | | | - complemento do estudo |
| - sentir-se útil | | | - atividade essencial do homem |
| - amadurecimento | | | - ideal |
| (P ₅) STATUS | (P ₆) DESENVOLVIMENTO | | (P ₇) OUTROS |
| - ter posição social | - crescimento | | |
| - melhor posição na vida | - aplicação dos conhecimentos | | |
| | - maior visão da vida | | |
| | - enriquece o homem | | |
| | - aprender algo | | |
| | - atualização | | |
| | - experiência de vida | | |
| | - cultura | | |
| | - responsabilidade | | |

E R R A T A

| Pág. | Linha | Onde se lê | Leia-se |
|-----------|-------|------------------|-------------------|
| II | 9 | A Profa. | À Profa. |
| | 11 | Licia | Lícia |
| | 21 | contribuíram | contribuíram |
| 2 | 6 | fells | feels |
| 8 | 27 | ser humano | ser humano, |
| 9 | 7 | poder | poderem |
| 20 | 8 | aprovado, | aprovado |
| | 43 | em casos, | em casos |
| 21 | 20 | sexuais | sexual |
| 24 | 2 | trabalho, | trabalho |
| | 20 | trabalho | trabalho, |
| 28 | 7 | LoGos | LOGOS |
| 29 | 22 | significa, | significa |
| 30 | 19 | gradual | gradual |
| 33 | 15 | manifestara | manifestará |
| | 28 | perturbações; | perturbações, |
| | | rebelião | rebelião, |
| 41 | 11 | infancia | infância |
| 42 | 12 | Fenômenologia | Fenomenologia |
| 69 | 6 | nãosignificância | não significância |
| 79 | 17 | ã uma | a uma |
| 80 | 10 | objetivo, | objetivo |
| 91 | 15 | Sem informação | sem informação |
| 106 e 110 | 3 | ajudassem | ajudassem, |
| | 4 | possível, as | possível às |
| 118 | 1 | 7 | 4 |